CHUMBO GROSSO

SILVER KANE

PROCURADO!

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 106

TÍTULO: PROCURADO!

TÍTULO ORIGINAL: UMA CABEZA DE NUEVE MIL DOLARES

TRADUTOR: CARLA ROSANE ROMANELLI

CAPA: BENICIO

AUTOR: SILVER KANE

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1993

CHUMBO GROSSO

PROCURADO!

PETER KAPRA

Tradução de

CARLA ROSANE ROMANELLI

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMXCIII Publicação no Brasil
Título Original:
UMA CABEZA DE NUEVE MIL DOLARES
Capa de BENICIO
Editoração Eletrônica
ART-PLUS FOTOCOMPOSIÇÃO LTDA.
Impressa pela
GRÁFICA EDITORA LORD S.A.
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Fuga surpreendente

Tudo estava preparado na prisão de Albuquerque para a execução que começaria horas depois.

A guarda fora reforçada. Ginetes armados com escopetas, vigiavam a parte externa do presídio. Estava proibida a entrada de qualquer pessoa. O prefeito e seus ajudantes haviam decidido não irem dormir, passando entre inúmeros goles de tequila, brandy e café forte, as horas que faltavam para a execução.

O patíbulo estava armado no centro do pátio.

O verdugo havia repassado a corda pela enésima vez. Era uma corda magnífica, suave como seda, que deslizaria pelo pescoço do condenado como uma boa navalha.

Às quatro da madrugada, o prefeito chamou o federal Patterson. Patterson era o homem que havia conseguido capturar Doyle, o homem que ia ser executado dentro de algumas horas. Por essa razão, e também porque a Patterson nada escapava, havia sido designado responsável pela custódia do condenado até o momento do enforcamento.

O prefeito o viu entrar no escritório, enquanto bebia seu décimo café naquela noite. Patterson, não sabia bem por quê, sempre o impressionara. Talvez por sua estatura, bastante superior à dos outros homens? Ou por seu porte

atlético? Talvez por aquele olhar sempre glacial, sempre falsamente indiferente de seus olhos?

Patterson entrou.

O ambiente carregado de fumaça daquele quarto pareceu irritá-lo por uns momentos. Depois cravou seus olhos no prefeito, olhos que pareciam não se fixarem em nada e captavam a realidade em todos os detalhes.

— Patterson, chamei-o para saber se está tudo em ordem — disse o prefeito.

— Perfeitamente em ordem, senhor.

— Os guardas são de confiança?

— Eu mesmo os escolhi.

— E você é de confiança?

Todos os que estavam no escritório riram. Patterson apertou um pouco os olhos, mas com voz inexpressiva limitou-se a responder:

— Fui eu que capturei Doyle, senhor.

— Certo, mas também me disse que é amigo dele, que no fundo, o admira.

— Doyle foi um dos pistoleiros mais famosos do Novo México, senhor, e pode ser que o admire em algum sentido, mas isso não impede que cumpra o meu dever.

— Sabe que Doyle pode ter oferecido dinheiro a algum dos guardas para que o deixe fugir?

— Não creio que Doyle tenha dinheiro, senhor. A lenda sobre sua riqueza não passa disso: uma lenda.

— Ele ofereceu dinheiro a você?

Patterson apertou os olhos um pouco mais.

Brilharam perigosamente.

— Por que me insulta, senhor? — murmurou.

— Perdoe-me. Só queria observar sua reação. Já estou velho, compreende? E, reconheço, às vezes tenho maus

costumes. Você está fora de suspeita, por isso mesmo, peço-lhe que o vigie bem. Nem todos são de confiança, entende?

— Claro que sim, senhor. Algo mais?

— Nada, obrigado.

Patterson afastou-se. Tinha os olhos semicerrados e havia uma careta estranha em seu rosto. Suas feições, absolutamente inexpressivas, pareciam, às vezes, com as de um índio. E essa foi a impressão que causou ao guarda que abriu a porta: a de que um jovem índio estava entrando no recinto dos condenados à morte no presidio mais bem vigiado do Novo México.

Patterson franziu os lábios.

— Tudo bem?

— Tudo bem, senhor.

— O que Doyle está fazendo?

— Até agora está descansando. Há pouco tempo pediu papel para escrever uma última carta.

Patterson abriu a janelinha que havia na porta e olhou para dentro da maior cela do presídio. Doyle estava sentado diante de uma mesa e meditava com os olhos perdidos em um pedaço de papel. Ainda não escrevera nenhuma linha.

Patterson fechou a janelinha.

— Se continuar assim, não vai ter tempo — murmurou em voz baixa.

— Escrever nunca foi seu forte — cochichou o guarda. — Traçar uma linha é muito trabalhoso para ele.

— Pois só falta uma hora para a execução. O prefeito adiantou-a para evitar que os outros presos façam confusão. Prepararam uma espécie de motim que vai estourar na hora que Doyle subir no patíbulo, para ver se conseguem salvá-lo. Sentem uma grande simpatia por ele.

— Como sabe disso? Sopraram para você? — perguntou o guarda.

— 8 —

— Sim — disse Patterson secamente.

— De qualquer maneira é inútil. Por mais motins que façam não vão conseguir salvá-lo.

— Eu sei, mas o prefeito quer evitar conflitos e por isso adiantou uma hora. Quando os outros presos se derem conta do que acontece, Doyle já estará pendurado pela corda. E agora faça o favor de dizer para os outro guardas que se retirem do corredor, há gente demais aqui. Você basta.

— Por acaso está ordenando que aliviemos a vigilância, senhor Patterson?

— Não, de modo algum. Quero é que se concentrem também nas portas exteriores e não só no corredor. Além do mais, um condenado tem direito a um pouco de tranquilidade em seus últimos minutos, não? Ande, faça com que obedeçam. Eu estarei no escritório principal, a apenas cinco metros da cela de Doyle, de modo que não há perigo.

O guarda balançou a cabeça afirmativamente. Ele não era ninguém para discutir aquela ordem.

Quando os outros guardas já estavam redistribuídos nas outras portas, Patterson acendeu um cigarro e olhou para o guarda que estava com ele.

— São todos de confiança? — perguntou.

— Claro que sim, senhor Patterson.

— Tem certeza? Disseram-me que Doyle tentará algo desesperado para fugir no último momento e que a pessoa que menos se espera vai ajudá-lo.

— Isso são rumores, senhor. Besteiras. O que eu posso dizer e que todos os que vigiam esta zona da prisão são de confiança absoluta, inclusive muitos deles foram escolhidos por você.

Patterson fez um gesto afirmativo, enquanto soltava um pouco de fumaça.

— Tem razão — disse. — Enfim, venha comigo ao escritório principal e estudaremos o modo de organizar o cortejo para levar Doyle ao patíbulo sem fazer ruído. Não quero que os outros presos saibam.

Uma vez dentro do escritório central, o federal pegou uma garrafa de uísque e deu uma olhada no mobiliário: uma mesa, três cadeiras, uma banqueta, uma bacia e um grande armário onde havia documentos administrativos. Nada disso chamou-lhe a atenção de uma maneira especial. Por fim, encontrou o que buscava: dois copos sobre o armário. Fez um sinal, enquanto convidava o guarda:

— Pegue um para beber um trago.

— Obrigado, Patterson. Preciso molhar a garganta mesmo.

— De modo que todos são de confiança, eh?

— Claro.

O guarda eslava de costas para Patterson, levantando a mão para pegar o copo, Patterson disse:

— Bem...

E sacou o revólver. Seus movimentos foram secos e precisos. Desceu a coronha duas vezes, sobre a nuca do guarda. Este não teve tempo sequer para gritar. Ficou branco, deu um gemido débil e caiu aos pés do armário.

Patterson disse tranquilamente:

— Já pode sair, Milton.

As portas do grande armário, onde cabia perfeitamente um homem, abriram-se pouco a pouco. E então Milton, o melhor amigo de Doyle, apareceu no escritório.

Houve uma expressão indefinida nos olhos de Patterson ao vê-lo aparecer. Poucas vezes em sua vida se havia encontrado diante de homens mais altos e fortes, Milton também tinha olhos cinzas, quietos e gelados e, às vezes, suas feições mostravam a imponência de um índio. Agora,

por exemplo, não havia a menor expressão neles. Nem medo, nem esperança, nem mesmo dúvida: nada.

— Cansado? — perguntou Patterson.

— Não... Estive aí há quatro horas, desde a última troca de guarda. Obrigado por ter me ajudado Patterson.

— Não estou ajudando você e sim a Doyle. Está a menos de dez passos de distância.

— Perfeito.

— Estava escrevendo uma carta de despedida, mas não acredito que tenha traçado mais de duas linhas. Também acho que perdeu todas as esperanças de ser salvo. Será uma surpresa bonita.

Milton balançou a cabeça afirmativamente enquanto um suave sorriso aparecia em seus lábios.

— Uma pergunta, Patterson — murmurou. — Haverá motim por parte dos outros presos?

— Sim, assim que começar a execução. Isso favorecerá muito os seus planos. Os guardas não saberão onde acudir.

— Tem o revólver?

— Claro. Pegue.

Abriu a gaveta central da mesa E pegou um Colt que estendeu para Milton. Este, com um movimento maquinal e hábil que só podia vir de seus muitos anos de prática, abriu o cilindro e viu que os seis cartuchos estavam metidos nos seis orifícios. Depois meteu o revólver entre sua camisa e as calças, já que não usava cinturão com coldre.

Patterson, que o olhava fixamente, murmurou:

— Agora tudo depende de você.

— Eu sei, federal. Ah! Lembre-se disto: o dinheiro será depositado em seu nome no Banco Estatal da cidade de Santa Fé. Só precisa retirá-lo quando quiser.

— Como conseguiu estes cinquenta mil dólares, Milton?

— 11 —

— Roubei do Banco Estatal da cidade de Amarillo. Você sabe que tenho as mãos boas para abrir caixas fortes. Na verdade, fiz o traslado de um banco para outro, mas sem movê-lo da mesma empresa.

— E tudo isso para salvar Doyle?

— Sim. Tudo isso para salvar Doyle.

Patterson franziu os lábios imperceptivelmente.

— Um risco tão grande para salvar um homem... — refletiu em voz alta. — Eu ajo por dinheiro, mas você... Por quê?

— Por gratidão. Doyle salvou-me uma vez no Texas, quando estavam a ponto de me condenarem à morte.

— Hum... Nesse caso, boa sorte, Milton. O que acontecer a partir de agora não é assunto meu. Pegue as chaves que estão na cintura desse guarda e tire Doyle daqui. Quando tiver conseguido, lembre-se que deve deixar-me sem sentidos a coronhadas.

— Perfeito. Mas já pensou nos prós e nos contras, Patterson? Já imaginou que logo vão expulsá-lo por ter mostrado ineficiência?

— Não vão expulsar-me porque já mostrei o contrário em outras ocasiões. Vão fazer uma investigação, mas vou sair-me bem. Agora, não perca mais tempo. Vamos. Este homem vai recobrar os sentidos antes de cinco minutos.

Os dois saíram.

Não havia ninguém no corredor, onde o silêncio era agonizante, tão irreal quanto um pesadelo.

Um lampião indicava a posição da cela fatídica. As outras, iluminadas por faróis brancos, estavam vazias. Os dois homens avançaram para lá.

— Uma simples curiosidade: quanto oferecem por sua cabeça, Milton?

— Cinco mil.

— Não é grande coisa.

— De todo modo, obrigado por dar-me essa oportunidade, Patterson. E obrigado por ser um homem de honra. Não esqueci que poderia ganhar os cinquenta que estão no banco e os cinco mil que pagam por minha cabeça.

— Claro. Mas para isso teria que matá-lo, não? Teria que matá-lo, pois do contrário falaria.

— Sim — disse Milton.

E abriu a porta da cela do condenado, que havia conseguido escrever algumas linhas, e que se levantou ao vê-los. Estava terrivelmente pálido. Seus olhos piscaram várias vezes, incrédulos ao verem ali o último homem que poderia ter imaginado: Milton.

— Prepare-se, Doyle. Vamos percorrer um longo caminho juntos.

— Mas... por quê?

— Você salvou-me uma vez. Eu tinha que pagar de alguma forma.

— Você está louco, Milton.

— Não é o momento para discutir isso. Vamos, pegue essa carta e saia daqui. Estava escrevendo para quem?

— Uma despedida para minha filha.

— Uma filha? Não sabia que tinhas uma.

— Adotei-a faz alguns anos.

— Melhor para ela, porque talvez volte a vê-lo — murmurou Milton encolhendo os ombros. — Vamos.

Foi em direção à porta. Mas não chegou até ela.

Naquele momento um tubo metálico, que identificou como o cano de um revólver, cravou-se cm seus rins enquanto a voz do federal Patterson dizia:

— Terminou a comédia, rapaz. Levante as mãos e fique aqui. Esse é o melhor lugar para você ficar: a cela de um condenado à morte.

Milton sentiu um frio percorrer sua espinha, e ao mesmo tempo, sentiu como se uma bola amarga entupisse sua garganta. Não levantou as mãos. Só semicerrou os olhos e disse com um sopro de voz:

— Pensei que fosse um homem honrado, Patterson, condenado do inferno.

— Com monstros como você não é necessário ter honra.

— Deu-me sua palavra de que tudo sairia bem, de que me entregaria Doyle em troca de cinquenta mil dólares...

— Já tem Doyle. O que não prometi em troca, foi que poderia tirá-lo daqui.

— Você é uma hiena suja, Patterson.

— É mesmo?

Milton apertou os lábios.

— Mas está enganado... — murmurou. — Tinha que ter me matado antes, no escritório. Agora receberá os cinco mil por minha cabeça, mas nunca receberá os cinquenta que estão no Banco de Santa Fé. Se me der tempo de dizer uma só palavra diante de testemunhas, vou denunciar nosso acordo. E se não puder continuará do mesmo jeito, porque Doyle falará...

Patterson sorria secamente. Seu rosto não tinha a menor expressão, parecia não ter alma.

— Não me importa o que você fale, nem que denuncie nosso acordo — murmurou. — Na realidade, quero que saibam.

— Quer que saibam? Mas se todos souberem que estava de acordo comigo...

— O dinheiro não me importa, Milton, não quero os cinquenta nem os cinco mil. Só quero capturar você: fazer com que o enforquem como Doyle. Por isso direi a verdade: que sua presença aqui foi uma estratégia para capturá-lo, coisa que até agora ninguém havia conseguido.

Milton já sentia aquela bola na garganta como algo insuportável. Nem mesmo lembrou-se de insultar Patterson, de dizer o que sentia por ele, diante de sua armadilha miserável. A única coisa que conseguiu balbuciar foi:

— Por que tanto ódio contra mim?

— Porque é a pessoa que mais me incomoda no mundo.

— Incomodo? Mas nunca havíamos nos encontrado antes...

— Certo... Comigo você nunca se encontrou, mas com minha mulher, sim... Não se lembra do Deserto Pintado? Não se lembra daquela casa junto a areia? Não se lembra daquela mulher que ultrajou e depois matou, cachorro?

Milton virou o rosto pela primeira vez. E viu bem de perto os olhos gelados do federal Patterson, tão hipnóticos e quietos que refletiam um ódio tão inumano que teve a sensação de que, através deles, a morte penetrava lentamente em seu sangue.

— É melhor você atirar de uma vez, Patterson — sussurrou.

— Não... Quero que você sofra como ela. Quero que vá para a forca pouco a pouco. Que o encerrem em uma cela para condenados à morte como Doyle. Que sinta seu fim aproximando-se. Quero tudo isso, cachorro maldito. Disparar e parti-lhe a coluna vertebral seria compassivo demais...

Milton tragou saliva. Agora já sabia alguma coisa. Dentro do possível, a fim de aumentar sua vingança, Patterson não atiraria.

Era sua única oportunidade. Uma possibilidade única e ridícula, mas devia tentar aproveitá-la. De modo que levantou um pouco a mão direita enquanto sussurrava:

— Para isso não valia a pena incomodar Doyle...

E de repente, aquela mão direita que se levantara um pouco, desceu como a lâmina de uma guilhotina. Enquanto todo o corpo de Milton contorcia-se, afastando-se do cano do revólver, a mão golpeou o pulso de Patterson com a força de uma barra de aço.

Foi algo instantâneo, algo que aconteceu em frações de segundos e que mostrou o quanto era formidável cm luta corporal.

Claro que Patterson também dispôs de alguns décimos de segundos para disparar.

A continuação também foi instantânea, brutal. Depois de mover a mão direita, moveu a esquerda como se fosse um martelo.

O impacto alcançou o rosto do federal em cheio, jogando-o para trás, enquanto jorrava sangue de seu nariz. Já havia levado muitos socos em sua vida, mas nenhum tão violento e brutal.

De repente, mesmo que poucos segundos, sentiu-se desarmado ante aquele homem. Mas não desistiu. Investiu de cabeça contra o estômago de Milton.

Foi um impacto respeitável, um impacto que teria acabado com a resistência de muitos homens, mas que só deixou Milton um pouco tonto. Isso foi tudo: Vacilou, apertou os lábios e disparou sua direita.

Patterson recebeu outro impacto e ficou sentado no chão com os olhos revirados, mas sem perder a consciência. Milton olhou-o com os olhos temerosos e como se não entendesse. Como aquele homem não desmaiara ainda? Era feito de quê?

Disposto a não perder mais tempo, Milton deu-lhe um pontapé terrível no queixo, que teria arrasado qualquer homem, mas que só deixou Patterson tonto. Milton compreendeu que só uma barra de ferro poderia deixa-lo

desacordado. Mas não havia tal coisa ali e não valia a pena continuar perdendo tempo com ele. Durante algum tempo, tempo decisivo, o federal não incomodaria.

— Vamos, Doyle agora ou nunca! — sussurrou.

Foi até a porta da cela, acreditando que o condenado o seguiria, mas não foi isso que aconteceu.

— Mas, o que houve? Não vem?

— Não Milton. É inútil.

Milton horrorizado diante de sua própria situação, abriu muito a boca como se precisasse tragar o ar.

Segurou Patterson pelas axilas, levantou-se e foi avançando usando-o como escudo. Cravou o revólver em seus rins, e arrastou-o até o corredor que levava ao patíbulo quase em linha reta.

Patterson tentou resistir, mas não consegui. Faltavam-lhe forças.

Quando chegaram junto a porta, Milton sibilou:

— Diga com voz clara para abrirem ou o mato... Juro que o mato!

O federal parecia disposto a obedecer. Moveu a cabeça negativamente.

Nesse instante a porta abriu-se sem que ninguém mandas.se. Um dos poucos guardas que estava fora havia escutado um barulho estranho e queria averiguar o que eslava acontecendo.

— Solte as armas ou mato Patterson aqui mesmo — disse Milton.

— Não saque — gritou Patterson. — Não se preocupe comigo! Atire, cachorro atire!

Milton atirou por de baixo de um dos braços de seu prisioneiro contra o guarda. Mas não para matar, e sim para feri-lo no ombro. Soou um estampido seco. Mas o guarda não desistiu.

Milton olhou então, horrorizado, para aquela espécie de arma inútil que tinha na mão. Agora entendia muito bem. Antes de entregar-lhe a arma, Patterson havia colocado cartuchos vários.

O guarda deu um grito de triunfo, boi atirar.

Teve outra surpresa diante da rapidez desconcertante com que Milton reagia. Deu um tremendo empurrão em seu prisioneiro, e aquela massa de ossos e músculos que era Patterson caiu sobre o guarda, Que ficou no chão meio desmaiado.

Milton passou por cima dos dois. Seus movimentos eram desconcertantes pela rapidez que imprimia. Segundos mais tarde já havia dobrado a esquina do corredor. Mas neste momento outro guarda já vinha sobre ele. Foi uma sorte para Milton que não soubesse o que acontecia.

Milton tirou-lhe o rifle e correu para uma porta ao fundo. Continuava a mover-se com urna velocidade espantosa. Ao chegar á porta, não vacilou nem um minuto: Disparou contra a fechadura duas vezes e as balas de forte calibre a fizeram saltar.

Assim a porta se abriu, apareceu um guarda que não entendia nada também. E não entendia nada não porque fosse bobo, mas porque naquele momento o motim estourou. Os presos restantes, que realmente queriam ajudar Doyle, ou ao menos despedir-se dele fazendo barulho, acabavam de lazer um escândalo ao ouvirem os tiros. Esmurravam as portas, bateram nas grades, sacaram suas armas improvisadas...

Os guardas tinham que vigiar os outros setores também. Se um grupo de presos conseguisse derrubar uma só porta, aconteceria unta hecatombe.

Milton moveu a coronha do rifle. Tinha mais balas, mas não as usou A coronha entrou cm contato com a mandíbula do vigilante.

— MMMMM ...

Milton linha o caminho livre Seu inimigo caíra para trás com o queixo quebrado. Normalmente nenhum preso consegue escapar do presidio de Albuquerque, mas nesta ocasião havia algo a seu favor, apesar da surpresa O motim dos presos que se tornava cada vez mais intenso. Os guardas acudiam em massa para lá. Outros vigilantes perceberam que a cela de Doyle estava aberta e só se preocupavam em fecha-la para que o condenado a morte não escapasse. Ninguém se lembrava de Milton neste momento, exceto os homens que linha pela frente.

E eram dois. Os dois guardas que cuidavam da forca até a hora da execução, se haviam encontrado cara-a-cara com o fugitivo quando este abriu a porta que dava para o pálio principal. Os dois gritaram ao mesmo tempo e levantaram as armas.

Não haviam reconhecido Milton nem sabiam quem era, mas a coisa estava clara. Tratava-se de um fugitivo. Um dos guardas atirou com seu revólver e a bala acertou em uma parede sem acertar Milton graças a sua agilidade, pois deu uma pirueta e livrou-se do tiro.

Disparou enquanto caia no chão.

Um dos guardas soltou a arma e encolheu-se ao sentir a mordida do chumbo na perna. O outro tentou correr até o posto de guarda que ficava perto. Não chegou lá.

Outra bala de rifle deixou uma marca de sangue em sua cintura, ferindo-o levemente. Mas o impacto e a dor foram suficientes para que girasse e caísse de bruços na terra.

Milton correu até o muro. Este era muito alto e tinha na parle de cima um corredor onde um sentinela circulava com

uma escopeta. Um só tiro poderia transformar Milton em um esqueleto.

Mas o pátio estava muito escuro àquela hora da noite e o sentinela não o veria direito. Não seria capaz de distinguir se a silhueta que se aproximava era de um amigo ou de um inimigo. Com as feições preocupadas apontou para baixo e gritou:

— Alto!

Milton atirou novamente. Acertou na perna, fazendo com que o guarda vacilasse na borda da paliçada. Um instante depois caiu, perdendo os sentidos.

O fugitivo apertou os lábios. Não podia perder um segundo. Patterson era o único que sabia o que se passava e o único que podia colocar aquilo em ordem. Se Milton perdesse tempo, Patterson se recuperaria de seus golpes e a fuga seria impossível.

Soltou o rifle e chegou na paliçada, trepando ansiosamente nela. Acabava de por os pés lá quando viu uma nova silhueta que se balançava sobre ele. Milton só teve tempo de levantar a perna direita.

O impacto na mandíbula de seu inimigo foi dos que se escuta a milhas de distância. O homem caiu para trás dando um grito.

Do alto da paliçada, Milton pulou para a rua. Correu desesperadamente até seu cavalo. O tinha amarrado bem perto e era um animal magnífico. Não o alcançariam quando pudesse esporeá-lo.

CAPÍTULO SEGUNDO

Cidade mortal

O saloon era escuro e pequeno como tantos outros do Novo México. Sua única vantagem era ser fresco, apesar do forte sol que fazia na rua. Os clientes eram poucos. Duas mulheres morenas, meio índias, dormiam junto à parede esperando que alguém lhes desse atenção.

Milton deixou seu cavalo junto ao bebedouro e entrou. Tinha bastante poeira nas roupas e barba de três dias. Os três dias que estava fugindo de Albuquerque. Mas agora já estava bastante longe para permitir-se um descanso. Além do mais, era difícil terem seguido sua pista porque havia escolhido as mais difíceis rotas do deserto para chegar ali.

Sentou-se cm uma mesa afastada. O garçom aproximou-se dele.

— O que vai ser, forasteiro?

— Tem cerveja fresca?

— Mais fresca que a minha filha.

— O que houve com a sua filha?

— Fugiu com um pregador na semana passada.

— Pois então deve estar fresca mesmo. Traga a cerveja.

Quando a teve diante de si, esvaziou o copo com um só trago. O líquido frio e amargo, ao passar por sua garganta, parecia devolver-lhe todas as energias perdidas. Pediu outra

jarra e depois fechou os olhos, apoiando a cabeça em uma coluna.

Então, um indivíduo entrou na cantina. A julgar por seu aspecto, devia ser um dos comerciantes endinheirados do povoado.

— Rapazes — disse, — acabo de receber o Jornal de Albuquerque. Hoje traz notícias de lamber os beiços. Mostra a execução de Doyle.

Milton voltou a fechar os olhos. De modo que haviam levado a execução até o fim...

Claro que ao menos ele estava vivo, mas havia momentos em que lhe parecia que isso não valia nada. Por sua mente passaram recordações que pareciam tingidas de vermelho. A primeira vez que puseram sua cabeça a prêmio por matar o cacique que havia arruinado seu pai. A fuga através do deserto, entre os escorpiões, os cactos e as cascavéis. Seu primeiro roubo para poder comer, sua prisão e sua condenação à morte.

E depois apareceu Doyle. Aquele famoso pistoleiro que havia chegado para assaltar um banco, que também entrou no tribunal para limpar os bolsos de todos e teve pena dele. "Este rapaz é muito novo para morrer... Se é acusado de ter assassinado Bentham, eu digo que Bentham está bem, estando morto. Soltem-no!"

Quanto tempo já se passara? Meses? Anos? Séculos talvez? Quantos desertos já havia percorrido? Quantas vezes já tivera que pegar água nos cactos do deserto e teve que caminhar entre escorpiões e os ninhos das serpentes?

Havia momentos em que tudo isso parecia-lhe um sonho.

Abriu os olhos.

O comerciante ou o que fosse, abriu o jornal sobre uma mesa. Todos formavam um círculo a sua volta. Até as duas

mulheres meio índias se haviam aproximado e deixavam que um dos bebedores, sem pagar, as acariciassem languidamente.

— Assim que o enforcaram, Everett?

— E tanto, amigos. Foi pendurado na melhor corda do novo México.

— Leia, leia...

— Explique tudo com detalhes. Estamos interessados.

O comerciante começou a ler, salpicando o relato com comentários por sua conta. Assim foi que Milton ficou sabendo que Doyle, a quem tanto devia, havia acertado suas contas com a lei. O comerciante havia terminado, dizendo:

— Não acreditem... Foi uma noite muito movimentada. Há vários guardas feridos e alguns presos conseguiram fugir...

Milton soube mais tarde como haviam sido os últimos momentos de Doyle. Os comentários chegavam a seus ouvidos como música. Suas feições ficaram tensas quando ouviu o homem dizer:

— Aqui há outra notícia interessante. Quem se lembra do federal Patterson?

— Eu — disse uma voz.

— Eu também.

— E pode haver alguém no Novo México que não se lembre de Patterson?

— Jamais perdoou alguém — disse um homem.

— E uma hiena. Gosta de sangue.

— Pois antes não era tão mau.

— Não era? Matava antes de perguntar. Se suspeitava por alguma razão, não deixava nem que lhe dissessem o nome. Uma bala na cabeça e pronto.

— Mas depois foi pior.

— Sim. Quando violaram e mataram sua mulher.

— Então sim, transformou-se em uma hiena sanguinária.

— Coitado...

— Já inalou mais gente no Novo México que a própria peste bubônica.

— Isso de peste bubônica você deve saber muito bem, já que é um ralo...

O homem do jornal cortou a discussão, dizendo:

— Bem, deixem isso para lá. Não vale a pena já que não está atrás de vocês. O jornal diz que apenas havia acabado a execução, quando Patterson saiu do presidio.

— Para quê.

— Perseguir alguém.

— Quem?

— Aqui não diz. Só diz que Patterson, antes de sair, levou uma caixa de balas de ponta blindada para seu rifle. Sem dúvida persegue alguém que não pretende perdoar. E deu uma gargalhada.

Os outros o imitaram. Por alguns minutos, todo o réquiem que teve a notícia da morte de Doyle foi aquele coro de risadas e de vozes. Milton olhou para sua cerveja, largou-a sobre a mesa e saiu.

Milton dirigiu-se para seu cavalo. Tudo era tranquilo e aprazível ali. A praça estava vazia. As casas pintadas de branco multiplicavam-se à luz do sol, apesar deste ter menos força agora, pois estava se pondo.

Acariciou o pescoço do cavalo.

— Uma pena — disse. — Teremos que continuar a viagem durante a noite, amigo.

O animal pareceu entendê-lo. Balançou a cabeça, sem alegria.

E então, Milton viu aquela silhueta por cima da sela. Estava meio agachado no alpendre e apontava-lhe um rifle.

Era uma silhueta traidora, mesquinha, que se propunha a atacar como uma serpente.

Tentou esconder-se.

Mas desta vez os reflexos faltaram. Não estava tão bem como em outras ocasiões. Agora estava cansado, a poeira e o sol pesavam sobre ele. Também a surpresa de encontrar ali um inimigo que não conhecia.

Fez o gesto de proteger-se, mas foi muito tarde. Viu, como um relâmpago, o fogo que saia do rifle de seu inimigo. E sentiu aquele choque na cabeça. Notou o sangue quente escorrer.

Depois nada. Só notou que tudo dava voltas, voltas, em uma longa, interminável espiral de morte.

* * *

"Sei que quando receber esta carta não vai compreender. Sei que tudo isso parecerá absurdo e terrível. Você que estará rodeada por suas bonecas..."

As palavras ressoavam no crânio de Milton como moscas incansáveis. Faziam-lhe mal. Cada pensamento era como um alfinete que se cravava em seu cérebro e não o deixava respirar.

Claro que se dava conta de algo mais. Se sofria era porque estava vivo. A bala na cabeça não o matara. Estava vivo.

De todo modo, aquele pensamento era tão distante como se se referisse a outra pessoa.

— As bonecas? — murmurou. — Rodeada de bonecas...?

E então ouviu aquela voz que não estava longe como as outras, que soava muito próxima:

— A única palavra que pronunciou foi essa, doutor. A palavra boneca. Está inconsciente faz um dia e não ouvi dizer mais nada. Sem dúvida refere-se a alguma menina.

— Pois é a primeira vez que um tipo como esse, fala uma coisa dessas quando está ferido — disse outra voz. — Tem pinta de pistoleiro.

— E como...

— Mas pode ter uma filha. Uma menina que tenha bonecas.

— E está lembrando agora.

— Certo. É mais do que possível.

— Até um indivíduo com pinta de pistoleiro pode ter uma filha, não?

— Eh, doutor...

— O que foi?

— Olhe. Parece que está acordando.

Com efeito, o homem abria os olhos. Confusamente distinguiu as duas pessoas sobre ele.

— Parece que está melhor. Vamos dar-lhe o estimulante que preparei.

Milton notou que o faziam beber algo e logo tossiu. Mas era um líquido forte que o fez sentir-se melhor ao final de alguns momentos e permitiu-lhe falar. Ao tocar na cabeça, que lhe doía muito, notou que estava vendada.

— O que... o que houve? — balbuciou.

Foi o médico quem perguntou:

— A bala não atravessou sua cabeça por milagre. Você conhecia o homem que atirou do outro lado da praça?

— Não.

— Pois ele parece que sim. Apertou o gatilho sem vacilar. Não devia ser muito bom atirador e só roçou sua cabeça, porque se não...

Milton moveu a cabeça negativamente. Compreendeu o que havia acontecido. O tipo que estava do outro lado da praça devia ser um dos que haviam visto o jornal com seu rosto e a bonita recompensa em baixo. Era algo a que Milton sempre estaria disposto. O homem do rifle devia ser um traidor que pensou que valia a pena arriscar e foi atacando.

— Por que não atirou outra vez? — murmurou.

— Hum... O ajudante do xerife já estava observando-o. Não gostou de sua atitude de serpente disposta a morder. E quando o viu disparar, mandou-lhe uma bala e deixou-o seco. O ajudante do xerife tem a pontaria melhor.

Milton fechou os olhos por um momento, enquanto dava-se conta do que aconteceu. O indivíduo o viu no jornal e decidiu receber a recompensa e matá-lo sem dar-lhe a menor oportunidade. Mas o ajudante do xerife, que não conhecia Milton, pensou que aquilo fosse um assassinato. Graças a isso estava vivo.

Não podia negar que no meio da desgraça, tivera muita sorte.

Mas agora o importante era ir embora antes que começassem a lembrar de certas coisas. Tinha que ir para bem longe.

— Acha que posso cavalgar, doutor?

— Vai precisar de pelo menos três dias.

Três dias... — pensou Milton. — Droga... E se Patterson chegar? Porque Patterson estará me perseguindo...

Tentou levantar-se e caiu. O médico inclinou- se para arrumar as bandagens.

— Descanse — disse, — e não se preocupe em seguir caminho. Por certo tem dinheiro para pagar meus honorários, não?

— Não sei.

— Pois se não tem dinheiro, dou de alta agora mesmo. Você está bem. Vamos, já pode montar. Saia daqui.

Milton vacilou.

— Parece que tenho um pouco de dinheiro sim...

— Então tem que se cuidar. Pobrezinho. Não poderá mover-se por pelo menos três dias, entende? Você não sabe como é difícil salvar os mortos.

* * *

Com efeito, três dias mais tarde parecia não ler tido nada. Pôde montar e andar. Não que estivesse em plena forma, mas pelo menos poderia seguir seu caminho em pequenos galopes, e isso era o que mais queria.

Patterson ainda não aparecera e isso indicava que seguia uma pista falsa. Mas não demoraria a perceber, encontraria seu verdadeiro paradeiro e chegaria naquele povoado.

De modo que Milton pagou o médico, agradeceu ao ajudante do xerife e seguiu para o norte com seu cavalo.

Enquanto avançava pelos caminhos poeirentos, sempre para o norte, aquelas palavras voltaram a invadir sua mente: Já sei que quando receber esta carta não vai compreender. Já sei que tudo isso parecerá absurdo e terrível. Você, que estará rodeada de bonecas...

Enquanto estava sem sentidos, lembrou-se constantemente daquela palavra: “boneca” Onde diabos havia lido aquela palavra? Por que o obcecava tanto? De repente, retesou os músculos.

Claro! Estas palavras eram o princípio da carta de Doyle, a carta de despedida que nunca chegou a terminar! As linhas que queria deixar como última recordação para sua filha!

Outra vez aquela bola amarga voltou a formar-se na garganta dele. Doyle sempre mandou dinheiro para sua filha adotiva enquanto viveu, mas agora a havia deixado totalmente desamparada. Uma menina pequena que ainda brincava com bonecas. O que seria dela? Quem se encarregaria de dizer-lhe que já não tinha ninguém no mundo. Seria simplesmente abandonada e acabaria morrendo de fome?

Um quadro tão cruel não era raro nas pequenas cidades do oeste, cidades que às vezes ficavam abandonadas onde só ficavam os que não podiam andar ou lutar.

Milton cruzou dois de seus dedos. Havia tomado uma decisão.

Procuraria a menina, coisa que não seria tão difícil, e veria se poderia ajudá-la. Lembrava-se vagamente que no início da carta estava escrito um nome só: Kayville.

Kayville era um povoado situado a pouca distância, na zona de terras férteis do Novo México. Seguindo para o norte terminaria por encontrá-la, de modo que não mudou sua rota.

Claro que teve algumas surpresas, enquanto avançava. Por exemplo, o ambiente pacífico e tranquilo das zonas pobres, pareceu romper-se quando chegou a terras mais férteis. Nas montanhas onde um homem só podia alimentar umas vacas e cabras, parecia ter que se conformar com uma garrafa de tequila, uma guitarra e as curvas de uma mulher. Em troca, as coisas eram diferentes nas terras mais ricas, onde a ambientação era enorme. Por ali os guardas abundavam e os ranchos eram cercados por arame farpado. E Milton começou a encontrar os primeiros mortos. Não havia dúvida que estava havendo uma grande guerra na comarca.

Pelo que pôde ver, os grandes ranchos comiam os pequenos. Isso não era estranho, pois acontecia em todos os lugares. Mas aqui a luta era violenta, sem piedade e cruel por parte de alguns rancheiros poderosos. A quantidade de homens enforcados que havia pelo caminho era espantosa.

Milton gravou um nome: Joe Reina. Em todas as partes, acima de quase todos os mortos, encontrou-o. Muitos enforcados tinham um cartaz no peito que dizia: Por ter traído Joe Reina. Outras estavam caídos no chão com as iniciais gravadas a faca: J.R. Ali estava havendo uma matança cruel, sistemática e implacável, com a qual, seguramente, •o tal Joe Reina esperava livrar-se de todos os seus inimigos para ficar com toda a comarca.

Claro que isto não era assunto de Milton. E ele não podia meter-se em mais confusões.

Quando estava a ponto de chegar a Kayville, viu um rancho incendiado e várias pessoas fugindo. Uma dessas pessoas foi praticamente liquidada ante seus olhos e junto a entrada da cidade. As coisas aconteceram com tanta rapidez que Milton ficou surpreso.

O que fugia era um homem de quase cinquenta anos e que por isso já não estava no melhor de sua forma. Seu aspecto era o de um camponês acomodado. Estava ferido e deixava um rastro de sangue por todo lado, mas parecia querer chegar à cidade para denunciar ao xerife o que aconteceu com seu rancho.

Três homens o perseguiam de perto.

Os três tinham aspecto de pistoleiros profissionais. Estavam mais bem vestidos que sua vítima e usavam um revólver último modelo. Seguiam o fugitivo tão de perto que foi um milagre não o terem pego antes.

Junto às primeiras casas de Kayville, um dos pistoleiros adiantou-se. Cortou o caminho do fugitivo.

Este, além de ferido, estava desarmado. Não tinha a menor chance de sair com vida se alguém não o ajudasse.

Seus olhos cravaram-se pateticamente em Milton.

— Por Deus, senhor!

Os outros pistoleiros já estavam colados nele. Dispararam.

O fugitivo, alcançado cm cheio, morreu antes de cair da sela.

Os olhos do morto ficaram cravados cm Milton. Pareciam fundir-se nele, em um último, mudo e patético pedido de ajuda.

Os olhos do pistoleiro também se moveram. Seguiram a direção daquele último e patético olhar. E encontraram as pupilas geladas de Milton, aquelas pupilas quietas, quase hipnóticas, cinzas.

Milton já linha a mão perto do revólver. Mas não a moveu. Cuidado... — pensou desesperadamente. — Cuidado. Está ferido e não e tão rápido quanto antes. Além do mais, não deve meter-se em mais confusões...

Os pistoleiros continuavam a olhá-lo. Havia uni sorriso irônico em seus lábios.

— O que é, forasteiro? — perguntou um deles. — Quer seguir o mesmo caminho? Tem algo a dizer?

Os dedos de Milton tremiam. Sua boca estava esponjosamente seca.

— Não, não tenho nada a dizer — murmurou.

— Pois então, suma!

Milton virou as costas pouco a pouco. Ouviu a gargalhada que surgiu nas três gargantas.

Era uma gargalhada longa, espessa, irônica. Uma gargalhada que o fez sentir a vergonha de sua própria existência.

Depois, os três assassinos inclinaram-se sobre o morto para gravar as iniciais J.R. com suas facas.

Milton baixou a cabeça. Havia entrado no reino da morte, mas isso pouco lhe importava: o pior era que pela primeira vez em sua vida sentia vergonha de viver.

CAPÍTULO TERCEIRO

As bonecas

Milton já estava em Kayville há um dia e sentia-se melhor quando decidiu conhecer os saloons da cidade e tentar verificar alguma coisa sobre a filha adotiva de Doyle. Em teoria isso não seria difícil, pois não devia existir na cidade muitas meninas que não estivessem com os pais.

Entrou no saloon mais populoso e pediu uma cerveja. Notou que o ambiente na cidade era tenso e refletia temor. Estava acontecendo alguma coisa importante ali, algo que sua experiência de pistoleiro lhe fez captar -em seguida, como se uma campainha soasse.

— Muita tensão na cidade, não? — murmurou enquanto bebia.

— Quanto tempo você está aqui? — perguntou o homem a seu lado.

— Pouco mais de um dia.

— Pois vá embora. Se é forasteiro, isso não importa, e em troca pode ver-se metido em confusões.

— Claro que pretendo ir embora sem meter-me em confusões, mas o que está acontecendo aqui? Por que esses mortos?

— Joe Reina — disse simplesmente o outro.

— Vi esse nome em muitos cartazes sobre o peito dos mortos. Mas o que há com ele? Quem é?

— Um rancheiro muito poderoso que quer ser mais ainda. Simples, não? Entendeu?

— Claro que entendi. Já vi a mesma situação em outros lugares, apesar de menos violenta do que aqui. Mas o que Joe Reina quer? Apoderar-se dos outros ranchos?

— Ele não é o único.

— Ah, não?

— Bem... Quero dizer que há gente que luta contra Joe porque também quer o lucro. São vários os que brigam neste território para tornarem-se donos dos poucos ranchos férteis. Os pobres homens que os cultivam, lerão que abandoná-los.

— O que Joe Reina fará? Vai comprá-los a preço baixo?

— Não, nem isso.

— Por quê?

— Comprá-los, pagando o preço que quiser.

Milton pestanejou.

— Não entendi — disse.

— Pois também é muito simples: nas últimas eleições para a presidência da junta dos moradores, Reina conseguiu que só ele fosse o candidato. Os outros foram amavelmente "dissuadidos" a paulada e tiro. Aconteceram três ou quatro mortes por isso. Reina, portanto, não teve oposição e não foi eleito e sim proclamado. Então disse que ia construir uma enorme represa para irrigação.

— Ah, é?

— A represa, segundo ele, mudaria o aspecto desta terra. Mas a verdade é que não fazia falta, porque essa zona está muito bem regada. Para isso decidiu que tinha que ocupar uma série de ranchos, exatamente os melhores.

Agora Milton compreendia bem.

Enfim, aquilo havia proporcionado uma boa desculpa para Joe Reina E a partir dai, pelo visto, lançou-se a fundo.

O homem de aspecto taciturno, continuou:

— Os rancheiros que se opuseram foram espancados. Depois decidiram unir-se para brigarem juntos e alguns dos pistoleiros de Reina foram mortos. Isso colocou as coisas em um verdadeiro terreno de guerra. Joe Reina pediu a ajuda do governador.

— Mas o governador apoia esse assassino?

— Legalmente não tem outro remédio, já que Reina é o presidente da junta de moradores e, segundo diz, trabalha para o bem-estar de todos. O governador também está metido nisso através de um testa-de-ferro, o delegado chamado Wance. Ele não aparece. É Wance quem faz isso. Ajuda Reina a conseguir seus objetivos, mas com a idéia de derrubá-lo para ficar com tudo depois.

— Ótimo ambiente...

— Eu disse que a coisa era complicada. Ainda existem outros indivíduos metidos no bolo, mas não vou nomeá-los para não complicar as coisas. Mas isso não importa, forasteiro. É melhor pegar suas coisas e ir embora daqui.

Milton balançou a cabeça afirmativamente.

— E farei isso — disse, — porque este assunto não é meu, mas já vi tantos mortos que estou confuso. Em que consiste a guerra que Reina declarou?

— E o puro extermínio a quem se opõe a ele. Muitas pessoas já foram enforcadas “legalmente”, e dizem que as vítimas foram traidores. Outros ranchos já foram incendiados. Reina vai vencer e nada se pode fazer contra ele, de modo que, para que falar?

O homem que estivera falando com Milton pagou sua bebida, virou-se e foi embora. Milton ficou só diante do vazio de seus pensamentos, enquanto repetia mil vezes que havia entrado em uma péssima terra.

Mas, de todo modo, não ia ficar muito tempo ali. Encontraria a filha adotiva de Doyle, ajudaria a menina no que pudesse e iria embora. Enquanto isso, não iria se meter em confusões.

As coisas, contudo, quase nunca saem como planejadas. Enquanto Milton pensava nisso, entrou aquela mulher.

Não teria mais de dezoito anos. Era tão bonita, tão perfeita, tão tentadora que até um homem como ele, afundado em seus pensamentos, teve que parar para olhar. Mas olhou só de soslaio, pensando que não era conveniente fixar-se nela para não criar desejos e depois sentir-se frustrado em não os realizar.

A mulher pagava algo no balcão. Sem dúvida uma pequena deusa.

Todos os olhos estavam cravados nela: em seu rosto, em seu cabelo e na linha de suas curvas.

Milton virou-se para o homem que estava do outro lado, à sua esquerda.

— Escute — murmurou, — posso fazer-lhe uma pergunta?

— Se quer saber se lerá chance com essa mulher, a resposta é não. Vive sozinha e não admite a companhia de ninguém.

— Hum... A mulher é realmente bonita, mas eu não me referia a ela. Ao contrário, quero perguntar por uma menina.

— Uma menina...

— Sim... Uma que não vive com seus pais aqui. Uma que vive com dinheiro que mandam de fora.

— Quer dizer uma órfã que viva aos cuidados de outras pessoas?

— Sim. Mais ou menos isso.

O outro refletiu.

— Conheço bem a cidade e não há ninguém assim, amigo. Todas as meninas têm pais, menos as que ficaram órfãs há pouco tempo por causa da guerra de Reina, mas suponho que você se refira a algum caso anterior.

— Exatamente.

— Não, não lembro de ninguém... Se está procurando uma menina assim, talvez esteja na cidade errada.

— E possível.

Mas Milton franziu o cenho. Estava certo de que na cabeceira tia carta eslava escrito o nome Kuyville.

— Obrigado — disse depois de alguns minutos. — Sim... É bem possível que me tenha enganado de cidade.

E virou-se para ficar de costas para o balcão.

Então viu aquele tipo que avançava até a mulher recém-chegada. Em alguns segundos seu instinto de pistoleiro lhe disse o que ia acontecer. Aquele homem era um matador profissional, um galo de briga. Mas apesar de olhar para a mulher obcecadamente, havia algo nele que indicava que não eram só as curvas que lhe interessavam. A mulher, fosse quem fosse, significava algo mais para ele, algo que estava aparte de sua beleza.

— Você — disse secamente. — Você, Nora.

Ela virou-se.

Surgiu um gesto de insolência em suas feições, um gesto de desafio. Notava-se que não era uma dessas mulheres que se deixa pisar por qualquer um.

O outro plantou-se diante dela.

As pessoas ficaram em silêncio. Olhavam.

Notava-se que o homem que estava falando com Nora era “alguém” na cidade.

Fez um ruído com os dedos.

— Já mandei que saísse da cidade — disse. — Os Wayne vão embora e você pode ir junto.

— A senhora Wayne está doente — murmurou Nora. — Não poderá ir embora.

— Começa a ir embora e ela vai atrás de você.

— Não posso abandoná-la — disse. — Essa pobre mulher significa muito para mim.

— Não nego... É uma boa mulher, Nora. Muito boa... Seus sentimentos são honrosos. Mas você recebeu uma carta da junta, não?

— Claro que recebi.

— E nela está a sua expulsão da cidade.

— E eu não lhe fiz caso. Essa gente não pode expulsar-me.

— O prazo terminava ontem, não?

— Terminará quando eu quiser.

O matador começou a ficar sério. A mulher com aquelas respostas estava deixando-o ridicularizado diante das pessoas, era algo superior às suas forças. De modo que reagiu como um canalha.

Foi um golpe que abateria um boi. No primeiro momento, Milton teve medo que a mulher tivesse quebrado o pescoço. Nora deu um gemido e caiu junto ao balcão, mas ao final de alguns segundos reagiu.

Desafiava o homem com os olhos. Em meio ao silêncio angustioso do saloon.

Milton inclinou a cabeça. Sentiu vergonha novamente. Envergonhava-se do silêncio e da passividade dos outros. Não havia homem ali? Ele ia ficar quieto como quando mataram o pobre fugitivo diante de seus olhos? Aquela lembrança ainda o incomodava. Sentia nojo de si mesmo. De modo que, sem pensar, encontrou-se dizendo:

— Saia daqui, amigo.

O homem o olhou. Não conhecia Milton. Grunhiu:

— O que é? Está bêbado?

— Só bebi um copo.

— Pelo visto não me conhece, não é?

— Não tenho essa honra.

— Sou Burger.

— Muito bem, Burger, prazer em conhecê-lo, pois assim poderei dizer coisas para seu nome: fora daqui. Você também acaba de receber uma comunicação da junta de moradores para que saia daqui.

O outro olhava incrédulo.

A mulher também o olhava sem compreender. Foi ela quem disse com um fio de voz:

— Não se preocupe, forasteiro... Deixe-o. Este e um assunto que você não pode resolver.

— Tudo o que acontece na cidade pode ser resolvido — disse Milton suavemente. — Com palavras ou de outra maneira...

Burger olhava-o como se não pudesse acreditar. Balbuciou:

— De outra... maneira?...

Aquilo foi como um sinal para ele. Sacou o revólver com um movimento célere. Não deu oportunidade de defesa a Milton.

Teoricamente, Milton era um homem morto. Mas aquele homem não tinha a cabeça posta a prêmio à toa e demonstrou isso. A direita dele fez um movimento suave. Parecia não ter pressa, parecia não se incomodar. Só colocou o revólver na linha de tiro. Disparou da cadeira, quando Burger ia apertar o gatilho. A vantagem de Milton era de décimos de segundos, mas foi decisiva.

Quando Burger ia apertar o gatilho já tinha uma bala alojada no rosto. O estranho era que as pessoas não ouviram a detonação, só um sinistro barulho do osso. Burger caiu

para trás, com uma última expressão de incredulidade nos olhos, enquanto os expectadores levavam a mão a boca.

A própria Nora estava petrificada pelo assombro.

A fumaça tia pólvora espalhou-se pelo saloon formando, círculos azuis. O silêncio era insuportável. Por fim, Milton murmurou:

— Sinto muito.

— Meteu-se no pior problema de sua vida — sussurrou o garçom que estava diante dele. — Não durará muito depois disso.

— Por quê? — perguntou Milton, com falsa inocência.

— Sabe quem matou?

— Ele mesmo disse. Tratava-se de um pobre desgraçado chamado Burger, não é assim?

— Não se trata disso. Ele servia a Joe Reina.

— Já imaginava.

— E fica assim tão tranquilo?

— O mal já está feito, não? Não pode ser remediado. Vou embora da cidade.

— Agora isso não adianta.

— Por quê?

— É muito tarde.

— Quer dizer que não me deixarão ir embora?

— Estou certo que não. Reina não admite que matem seus pistoleiros. Vão exterminar você antes de quarenta e oito horas, senhor...

Milton não se incomodou cm dizer seu nome. Podia ser perigoso. Pagou o que tinha bebido e foi virar-se.

Mas o garçom insistiu:

— De que cor quer as flores?

— É Joe quem envia?

— Sim. Tem esse costume piedoso.

— Hum... Um bonito hábito. Vê? Joe está tornando-se simpático. Até seria melhor nos entendermos...

E alastrou-se do balcão. Não olhava para a mulher, como se esta não existisse para ele.

Mas ela sussurrou:

— Obrigada, senhor.

— De quê?

— Por ter salvo minha vida.

— Não era para tanto. Esqueça.

E saiu do local, mas Nora foi atrás dele. A mulher desencostada com sua frieza. Os dois andaram pela rua a passos rápidos, enquanto eram tragados pelas sombras.

— Não sabe o que fez... Sinto por você, senhor. A partir deste momento não há quem o salve — insistiu ela.

— Refere-se a Joe Reina?

— Claro...

— Pois esqueça como eu procurarei esquecer. Há um provérbio que diz que não devemos pensar nos problemas que não está em nossas mãos resolver. E outro mais velho ainda diz que o tempo se encarrega de tudo.

— Sim, mas o tempo que você tem é muito curto. Vão matá-lo logo.

— Amanhã procurarei estar fora daqui — disse ele suavemente. — Só tenho que resolver um trabalho neste povoado e depois vou embora.

— Que trabalho?

Enquanto caminhavam juntos ele pensou que ela poderia ajudá-lo. Certamente ela conhecia todas as pessoas da pequena cidade.

— Vamos ver... — disse. — Talvez você possa resolver o problema.

— Com muito prazer. Diga-me o que fazer.

— Só precisa responder-me uma pergunta. Procuro uma menina que não tem pais, uma menina que recebe dinheiro de fora para que seja cuidada.

— Uma menina? Que idade deve ter?

— Pois não sei... Cinco anos, talvez seis. Ou até dez.

Nora também refletiu. Pareceu revisar os casos mais estranhos que conhecia. Depois moveu a cabeça negativamente.

— Sinto muito — disse.

— Nada?

— Nada. Todas as meninas dessa idade que vivem aqui o fazem com seus pais. Menino semi-abandonado, sei que há um.

— Não, não... E uma menina.

— Pois lamento, porém não posso ajudá-lo. Tem certeza que é aqui?

— Talvez tenha me enganado — murmurou ele. — Sim, deve ser isso. Enganei-me... E agora não quero incomodá-la mais, senhorita. Vou embora.

— Quer ser um homem pacífico?

— Quero ser um homem vivo — riu ele, — Sei que se continuar aqui os pistoleiros de Joe Reina vão matar-me. E não quero ser um herói morto, sabe? Os defuntos trazem má sorte, principalmente se o defunto sou eu.

Ela conseguiu sorrir.

Talvez se sentisse animada diante dele. Talvez pensasse que, pela primeira vez, havia alguém na cidade capaz de defendê-la... ainda que fosse alguém que iria partir na manhã seguinte.

— Posso convidá-lo para ir à minha casa? — murmurou. — Quer um trago? É o melhor que posso fazer por você.

Apontava para uma casa modesta. Não se via ninguém por ali, mas ele imaginava que eram vigiados pelas janelas. Vacilou uns instantes, antes de perguntar:

— Não vou comprometê-la se entrar?

— As pessoas sabem que comigo não há nada a fazer, de modo que não há perigo de falarem. Pelo menos posso convidar o homem que me salvou para um trago.

Os dois entraram. Milton sussurrou:

— Você não vivia com uma senhora enferma?

— Sim, mas não está aqui. Aqui ê o lugar que trabalho.

E avançou para acender a luz. Tudo estava mergulhado nas mais espessas sombras. Milton só via uma mesa onde havia potes e pincéis. Certamente eram de pintura.

O resplendor de um lampião espalhou-se pela casa. Milton vacilou. Olhou com assombro e não conseguia acreditar no que via.

— Meu Deus... — murmurou. — Mas o que é isto?

As paredes estavam inteiramente pintadas de dezenas de bonecas. Bonecas ruivas, morenas, pequenas, grandes, narigudas, brancas, índias, negras... Bonecas de todos os tipos e tamanhos. Milton sentiu-se estremecer como se tivesse sido espetado...

CAPÍTULO QUARTO

O dono de tudo

Ela deve ter notado algo de estranho, porque disse:

— O que houve?

— Na... nada.

— Pois ficou pálido de repente... Ah, já entendi, é por causa das bonecas. Está surpreso, não? Em unta cidade tão violenta corno esta, muita gente faz a mesma coisa.

— O que faz com essas bonecas?

— Pinto. Entregam-me em forma de cartão, como vê. E as transformo em cantineiras, negras ou índias. Sempre trabalhei nisso. Por que o espanto?

— De nada — gaguejou ele.

— Pois o que aconteceu com você?

— É que você me aprontou uma boa.

— Aprontei? Em quê?

Milton inclinou a cabeça um pouco e olhou-a fixamente. Quase não podia acreditar. De modo que uma menina... Uma menina rodeada de bonecas. Com uma voz insegura, murmurou:

— Diga-me uma coisa. Quem são seus pais?

— Por que pergunta uma coisa tão estranha?

— Eu peço: responda-me.

— Não gosto de falar nisso. Na realidade eu... eu não tenho pais.

— Era o que eu temia.

— O que você sabe sobre mim?

— Você foi adotada, não é, Nora?

— Bem... sim.

— Por quê?

— Minha mãe morreu quando nasci. Meu pai, que me cuidava, morreu em um duelo, quando ia viajar com seu sócio.

— Seu sócio?

— Sim. Um santo homem chamado Doyle, que se dedicava a obras de caridade.

Milton passou o dorso da mão na boca. Tinha vontade de cuspir, mas não podia.

— Olhe, menina — murmurou, — não me diga que seu pai também se dedicava a obras de caridade.

— Como adivinhou?

— Tive uma inspiração.

Ela foi atrás de uma garrafa de uísque para celebrar aquele estranho encontro. Estava animada por ter alguém ao seu lado que conhecia seu pai adotivo. Em troca, Milton tinha vontade de sair correndo, mas até para isso as forças lhe faltavam.

— Ouça, Nora — sussurrou. — E então Doyle a adotou?

— Sim, e deixou-me aos cuidados de pessoas honradas que ganhavam muito dinheiro. Guardavam tudo.

Milton pensou: Sim, claro, o que Doyle roubava. Eles deviam ser os encarregados de guardá-lo e esperar até a hora de dividir.

— Só por curiosidade, Nora. O que houve com essas santas pessoas?

— Morreram de uma forma incompreensível. Para mim ficaram loucos. Um dia viram o xerife e, sem motivo aparente, trocaram tiros com ele.

— E o xerife os matou...

— Sim.

— E levou seu dinheiro...

— Sim. Até os xerifes roubam.

— Nem me fale... E depois, o que aconteceu?

— Trouxeram-me para cá. Eu já tinha dez anos. Desde então, meu pai adotivo tem mandado dinheiro em conta-gotas.

— É porque passou muito tempo na ca...

— O quê?

— Nada, nada... É que passou muito tempo no açougue de um primo em Albuquerque. E como esse e um trabalho mal pago, não sobrava muito dinheiro para mandar. Quem cuidou de você?

— Esse casal a quem querem expulsar da cidade. São boas pessoas, e cuidam de mim sem receber um tostão de Doyle.

— Anos e anos... Sim, a última con...

— O quê?

— A última condecoração que lhe deram. Isso que queria dizer.

— Não sabia que colocavam condecorações em açougueiros.

— Têm que fazer algo para recompensarem o pouco que pagam. Mas esse é um assunto de Doyle, menina... Esqueça. Escreve para você?

— Sim. Sempre mandava as cartas para a parada de diligências de Santa Fé e as recebia não sei como.

— Eram entregues pelos guardas da pe...

— O quê?

— Os guardas do pensionato onde vivia.

— Mas não disse que trabalhava em Albuquerque? Por que linha que enviar a correspondência para Santa Fé?

— Nem sempre esteve em Albuquerque... Esqueça isso. Mas ele sabia que você trabalhava com as bonecas?

— Claro. Eu lhe disse. Disse que precisava fazer alguma coisa para ajudar o casal que sempre me cuidou e que passava por necessidades.

Milton bebeu um gole de licor para animar-se, porque na verdade, linha a cabeça quente e os pés gelados. Que menina que foi encontrar. Ela também bebeu, enquanto o olhava com curiosidade, mostrando mais confiança.

— O que sabe sobre meu pai adotivo? — murmurou.

— Bem... Está bem.

— Não está me enganando?

Ele tratou de sorrir com naturalidade. Teve a sorte de ser convincente.

— Não, não... Está muito bem. A última vez que o vi estava a ponto de escrever-lhe, mas faltou tempo.

— Claro... Tanto trabalho!

— Você nem sabe. Aquela noite não o deixaram nem dormir.

E Milton que estava sentado, ficou de pé enquanto colocava o copo de licor sobre a mesa.

— Não posso ficar aqui. Nora — disse. — Não estou em perfeitas condições físicas, sabe?

— Condições físicas para quê?

— Para lutar contra todo o bando de Joe Reina.

— Não é só ele. Há Wance também. Mas você dispara muito bem. Endiabradamente bem. Eu diria que é um profissional.

— Foi sorte. Um pouco mais e aquele sujeito me deixaria seco. Dentro de um mês poderei enfrentar qualquer um, mas não agora.

— Por isso aconselho-o a ir embora.

— Ouça... Como é o xerife da cidade? — perguntou ele de repente.

— Boa pessoa.

— Isso basta — disse Milton.

E dirigiu-se para a porta. Nora o olhava assombrada.

— O... que vai fazer?

— Deixá-la só. Não é bom que uma senhorita como você fique com um homem como eu. É possível que voltemos a nos ver. Sorte para você.

E apertou-lhe a mão. Ela tinha a mão suave, sedosa, quente... Tremia. Parecia ter encontrado algo em Milton que os outros homens não tinham. Ele moveu a cabeça negativamente enquanto dizia:

— Esqueça-me.

E dirigiu-se para o escritório do xerife. Tinha que falar com ele. Tinha que fazer um esforço para ser, pelo menos uma vez, um homem de bem.

O xerife estava em seu escritório. Pareceu ser um homem honrado a Milton, mas impotente para manter a lei naquele inferno. De todo modo era a única pessoa que podia confiar e o que pretendia pedir-lhe era pouco. Qualquer homem com um pouco de coragem faria.

— Não me diga que foi você quem matou Burger — disse o xerife.

— Pois fui eu mesmo.

— Então saia daqui.

— Por quê?

— Você leva a peste. Vão matá-lo.

— Todo mundo me diz a mesma coisa e me deseja muita sorte.

— Falta pouco para estar louco para matar um homem como Burger, sabendo o que isso significa.

— Não sabia ao matá-lo, mas isso não importa. O fiz para defender uma mulher, xerife.

— Estou sabendo.

— Parece que você não tem muita ajuda para manter a lei, não?

— Faço o que posso.

— Pois ouça bem isso, xerife: quero que proteja Nora Doyle.

— Protegê-la? Dos homens de Reina?

— Sim.

— Não sabe que ela foi expulsa da cidade?

— A cidade me passou por debaixo das pernas — disse Milton.

— Há outros homens como Burger dispostos a cumprir essa ordem.

— Homens como Burger passo por baixo das...

— Já disse antes.

— Deixe que termine, homem. Há um monte de lugares diferentes por onde podia passar.

— Pois fique aqui e ponha ordem à sua maneira.

Milton moveu a cabeça negativamente. Havia amargura e impotência cm seu gesto.

— Não, xerife — disse.

— Por quê?

— Não vai entender. Mas já estou farto de meter-me em confusões. Quero mudar de vida, quero ser um homem pacífico.

— Sim?

— Sim. E, portanto, vou embora desta cidade que cheira a sangue. Mas você é obrigado a proteger uma mulher indefesa.

— Faço o que posso, já disse.

— Gostaria de deixá-la em suas mãos — disse Milton. — E vou entregar-lhe todo o dinheiro que tenho para que ela não passe necessidade.

— O que o une a essa mulher?

— Nada... Simples amizade com seu pai adotivo.

— O que foi enforcado em Albuquerque?

Milton estremeceu. Seus olhos dançaram um momento dentro das orbitas. Olhou com incredulidade para o xerife, enquanto este abria uma gaveta.

— Como sabe?

— Um representante da lei deve estar inteirado disto — disse o xerife calmamente, — mas não tema porque não direi nada a ela. Até hoje, Nora sempre acreditou que seu pai fosse um homem honrado e não vou tirar-lhe esta ilusão. E quanto a você... o que sabe de você?

— Bem...

— Não sabe disto?

E o xerife pegou uni jornal de sua gaveta e o colocou diante dos olhos dele.

— Não estou muito... favorecido.

— Pois em troca, a quantia que há debaixo favorece qualquer um. Cinco mil dólares cairiam muito bem.

— Favo o que posso — disse Milton modestamente.

— Sabia quem era você desde o momento em que matou Burger — disse o xerife. — Tem um modo de disparar tão suave que é inconfundível. Quando entrou no escritório, não tive a menor dúvida.

— E o que vai fazer, xerife? — perguntou Milton com voz gelada. — Tratar de ganhar os cinco mil?

— Não... Tenho outras preocupações, amigo, e sou sozinho para lutar com um homem como você. Se tentasse, você me mataria. Mas esse é um trabalho que os homens de Reina farão. Só quero dizer que não vou ajudá-lo.

— Por quê? — perguntou com um fio de voz.

— Porque você é um assassino e porque é possível que Nora seja sua cúmplice.

— O que... disse?

— Cúmplice sem saber. Pode ser que você a use como talvez Doyle lenha feito.

— Não sabe o que está dizendo. Doyle a respeitava muito para misturá-la neste assunto.

— De acordo, mas talvez você não tenha esse grande respeito. Além do mais não vou aceitar nenhuma sugestão de um assassino como você. Se matarem essa mulher não será diante de mim porque os impedirei, mas se a matarem às minhas costas, não poderei fazer nada. Deixo as coisas acontecerem, não me meto nelas.

Milton arqueou uma sobrancelha. Estava pálido novamente. Disse:

— Deixar que as coisas aconteçam sozinhas... significa deixar que matem Nora, certo?

— É você quem está dizendo, não eu.

Milton apertou os lábios com força. Sentia vontade de esbofetear o xerife. Nunca mais poderia confiar na lei.

Mas no fundo não podia reprovar o xerife. Era natural que não confiasse nele. Tinha direito de duvidar dele e até de Nora. Nesse caso, preferia não se meter em confusões, pois do contrário, poderia ser acusado de envolvimento com aquele procurado pela lei.

O xerife também o olhava fixamente. Disse:

— Vá embora, forasteiro.

— Tenho um nome — disse Milton com uma suavidade sinistra.

— Eu ignoro esse nome. Não sei nada de você. Este jornal não voltará a sair de minha gaveta. Para que vou incomodar-me em persegui-lo? Para que sofrer se os homens de Reina vão pegá-lo?

E guardou o jornal tranquilamente, dando a conversa por encerrada. Ao fechar a gaveta foi como se também fechasse a tumba de Milton.

Este levantou-se pouco a pouco. Sabia que era um condenado à morte. Mas o pior era que também estava condenando Nora. A menina a quem Doyle havia dedicado o último pensamento antes da morte na forca.

Saiu devagar, arrastando os pés. De repente, Milton pareceu ter envelhecido vinte anos.

Ou ter bebido, uma atrás da outra, vinte garrafas de uísque.

CAPÍTULO QUINTO

Atentados!!!

A luz do sol desenhava bonitas combinações nu poria do hotel quando Milton saiu e acendeu um cigarro calmamente. Apesar do acontecido na noite anterior, linha o aspecto tranquilo dos que tem dormido bem.

Voltava a ter os olhos frios e quietos como bolas de aço. Foi até o saloon onde havia matado Burger. Notou que as pessoas o olhavam.

Com eleito, sua audácia era inconcebível, a menos que se tratasse de um suicida, pois era natural que os homens de Reina estivessem esperando-o exatamente lá. Voltar àquele saloon era como meter-se na boca do lobo e esperar a mordida.

E dois homens estavam no saloon bebendo calmamente. Há dez minutos atrás haviam mais quatro, mas agora estavam fazendo a ronda. Os dois que estavam no balcão, ficaram abismados ao • erem Milton ali, pois jamais imaginaram tanta audácia.

Um deles era o lugar-tenente de Joe Reina e, portanto, um dos homens mais influentes da cidade. Também era um pistoleiro muito hábil.

Olhou Milton de soslaio. A mão direita aproximou-se lentamente do revólver. Foi um movimento quase imperceptível. Seu companheiro distanciou-se um pouco.

Também havia aproximado a mão do revólver e olhava para Milton enquanto sentia uma secura na boca.

Milton aproximou-se do balcão. Não fez nenhum gesto. Pegou a garrafa que estava a seu alcance e serviu-se. Parecia ignorar todo mundo, em especial os dois pistoleiros a seis metros dele. Um deles, depois de um momento de incredulidade, disse:

— Droga..., mas olhe quem está aqui!

— Você conhece? — perguntou Milton virando a cabeça.

— E como... É o forasteiro mais famoso da cidade. Parabéns.

— Obrigado — disse Milton, — mas isso de ser famoso tem seus inconvenientes. Cobram o dobro pelo quarto do hotel.

— Ah, é? E por quê?

— Porque dizem que meu cadáver é extra.

Os dois homens riram. Pelo menos suas bocas o fizeram, mas seus olhos ficaram quietos e duros como os das serpentes.

— Droga... Ainda por cima faz graça, o rapaz, eh? — disse um.

— Pois olhe para onde acertaram o velório...

Milton havia virado o rosto. Já não lhes prestava a atenção.

— Eu o conheço, mas você, pelo visto, não me conhece — disse o lugar-tenente de Reina.

— Creio que não o conheço mesmo — disse Milton olhando-o.

— Pois eu também sou famoso.

— Parabéns.

— Meu nome é Johnson — disse o homem. — E Reina gosta de mim, sabe? Porém, vai gostar muito mais quando o deitar morto aqui.

— Morto? — perguntou Milton. — Só estou bebendo meu uísque.

— Pois beba com calma, porque será o último...

Milton levantou o copo para beber. Parecia indiferente, mas na verdade todos os seus músculos estavam tensos esperando a hora de sacar.

— Agora vão sacar — pensou. — Não vão avisar. Assim que eu colocar o copo na boca apertam o gatilho. E o mais perigoso não é Johnson e sim o outro... Este é que vai atirar primeiro pensando que estou distraído.

Levou o copo aos lábios apesar destes pensamentos. O fazia com a mão direita. Era a grande ocasião para seus inimigos. Não se enganou nem um pouco quando deixou o copo cair no chão. A direita voou para a arma.

Seus dois inimigos faziam o mesmo, mas como Milton imaginara, não era Johnson quem tomava a iniciativa. Aquele pistoleiro foi tão rápido que Milton esteve a ponto de perder a partida num piscar de olhos. Disparou quando o copo ainda não havia chegado no chão. O pistoleiro que estava atrás de Johnson estremeceu. Parecia que seus olhos iam sair das órbitas. Só havia incredulidade neles. Seu inimigo fora mais rápido que ele.

Johnson cometeu o erro de olhar para seu companheiro. Por instantes teve uma ligeira vantagem, mas perdeu-a ao olhar para o lado. Quando virou a cabeça, Milton já havia desviado o cano do Colt.

Johnson conseguiu atirar, mas a bala afundou no balcão. Quando apertou o gatilho já tinha uma bala cravada no coração. Deu um pequeno pulo e caiu suavemente perto do companheiro.

As poucas pessoas que estavam no saloon olhavam para Milton como se fosse uma espécie de fantasma. Ninguém se aproximou do balcão. O home que estava atrás deste, vacilou ao pegar uma garrafa.

— Sirva-me um pouco mais — disse Milton com suavidade. — Creio que vou precisar de um trago.

— De acordo, mas cada copo que beber vai custar o dobro.

— Por quê?

— Tirar os mortos daqui é serviço extra.

Milton levou o copo aos lábios, enquanto dizia:

— Pois está saindo caro ser famoso nesta cidade... Cobram o dobro de tudo. Vou ter que fazer uma coleta pelas ruas, antes de matar alguém.

* * *

Algumas horas mais tarde, Reina apareceu no escritório do xerife. Joe Reina começara sendo um simples assaltante de estrada, mas agora tinha ares de grande senhor. Com suavidade e tato, conseguia convencer que era um santo. Mão de ferro com luva de seda era sua máxima preferida.

Ofereceu um cigarro de boa marca ao xerife, que recusou com um sorriso.

— Não, obrigado. A que devo a honra de sua visita, Reina?

— Veja... Como presidente da junta de moradores, às vezes, tenho que tomar decisões desagradáveis. Você sabe que não gosto de meter-me em confusões e que sempre procuro viver em paz com todos.

— Sim, eu sei, senhor Reina — disse o xerife com uma careta.

— Parece que um forasteiro perigoso chegou aqui, um verdadeiro matador. À noite, provocou confusão no saloon e houve sangue. Esta manhã matou dois homens mais.

— Dois de seus homens, não?

O cacique acendeu o cigarro com um sorriso enigmático.

— Não, dois de meus homens, não. Eu não conhecia esses desgraçados — disse, com a maior naturalidade. — Se não fosse o presidente da junta não me meteria nesse assunto, mas tenho que fazê-lo. Minha intervenção é legal.

— Oh, certamente.

— Se a memória não me falha, esse forasteiro é reclamado.

O xerife abriu a gaveta e mostrou os jornais. Não podia negar. Um instante depois Reina olhava satisfeito para o desenho de Milton.

— Sim, é esse — disse. — E a quantia não está mal. Cinco mil...

— Certo, é bastante dinheiro — disse o xerife...

— Então, por que não o deteve?

— Pela mesma razão que os homens que você não conhecia não puderam fazê-lo esta manhã. Esse homem é muito perigoso e eu já tenho muitos problemas. Espero que vá embora logo.

— Poderíamos fazer um pequeno arranjo — disse Joe sem alterar-se.

— Qual?

— Imprimir novos cartazes.

— E para quê?

Joe riscou a cifra de cinco mil dólares e escreveu seis mil.

— Com essa modificação muita gente vai se interessar — disse. — É isso. Muitos cidadãos vão querer mata-lo pelas costas.

— Qualquer cidadão honrado, eh? — disse o xerife.

— Exatamente. Até eu, xerife... Seis mil dólares por uma bala.

Virou-se e saiu.

O xerife ficou parado, olhando o cartaz. Não podia negar-se a fazer aquilo e teria que expor os cartazes na cidade. E sabia que quando o fizesse, Milton morreria por causa de cidadãos honestos. Encolheu os ombros. O que poderia fazer?

* * *

Naquela mesma noite a cidade estava repleta de cartazes com o rosto de Milton e os seis mil dólares embaixo. Os próprios homens de Reina espalharam os cartazes pela cidade e poucas horas depois qualquer um ficava sabendo que por uma bala, poderia ter seis mil dólares.

Naturalmente, Milton também ficou sabendo. Nunca fora tão famoso quanto agora. Só faltava prepararem um ataúde com calefação.

Enquanto caminhava para o hotel sem mostrar nervosismo, encontrou-se com Nora, que levava um cesto cheio de bonecas. Percebeu que a jovem estava cansada por causa daquele trabalho desgastante, mas isso não afetava sua beleza.

— Posso ajudá-la? — perguntou, tratando-a com frieza. — Isso é pesado para você.

— Ainda não foi embora da cidade? — espantou-se ela.

— Vou mais tarde. Por enquanto vou ficar.

— Já viu... os jornais?

— Claro, mas não têm importância. São pura propaganda. Vamos, quer ajuda com o cesto?

— Não pode.

— Por que não?

— Porque ficaria com as mãos ocupadas e tem que deixá-las livres.

Milton sorriu. Não estava nervoso porque sentia-se longe de tudo. Pegou o cesto e por minutos ficou exposto a uma bala sem poder defender-se. Mas os cidadãos não foram rápidos o bastante. Quando se deram conta, Milton já tinha as mãos livres pois colocara o cesto no alpendre.

— Sim — disse Nora, — o trazia para cá. Como adivinhou?

— Porque a vi entrar esta manhã. E insisto que é um trabalho pesado para você.

Por um momento, ela passou a mão nos olhos, como se tentasse afastar as frustrações e ilusões mortas e as horas sem sono.

— Tenho que fazê-lo — disse com um sorriso.

— Compreendo.

— Existem trabalhos mais pesados — disse ela.

— Agora tenho que ajudar nas despesas da casa. E pagam-me mal.

— Aproveitam-se de sua situação?

— Acho que sim.

— Quanto pagam?

— Dez centavos por peça.

— Ou seja, para ganhar um dólar tem que pintar dez bonecas?

— Sim.

— Quanto tempo leva pintando cada uma?

— Meia hora, não menos.

— Então, para ganhar três dólares tem que trabalhar quinze horas. E trazer a mercadoria e recolhê-la...

— Sim.

— Aproveitam-se de você — disse sem esperança. — Não é certo.

— Ganho três dólares por dia — murmurou ela.

— Vou levando.

— Já imaginava que as coisas não andavam bem, — disse ele, — mas é pior do que pensei. Sinto muito.

Ela pegou o cesto e aproximou-se da porta do armazém. Dali as bonecas eram vendidas para todo o Novo México. Antes de desaparecer, deu um sorriso para o pistoleiro.

— É melhor ir embora daqui esta noite mesmo — disse. — Todos querem matá-lo por causa do dinheiro.

— Já notei.

— Então vá, Milton. Vá logo. E lembre-se de dar notícias de meu pai se o ver algum dia.

— Vou dar sim — disse ele amargamente.

E virou-se de costas. Teve uma última visão das curvas dela ao fechar a porta. Depois nada.

Voltou ao hotel com a mão perto do revólver, pois sabia que muitos esperavam para matá-lo. Incluindo os homens de Reina. Mas ninguém se atreveu a disparar porque o viam vigilante. E ele teve a precaução de avançar pela parte de dentro dos alpendres, de modo que uma bala de algum telhado não o acertaria. Entrou no hotel. Tudo parecia normal.

O camareiro servia clientes sentados no bar. Dois homens liam um jornal. Uma mulher estava descansando em um canto. Um operário limpava a lâmpada do centro do salão.

Milton não foi diretamente para o seu quarto. Sentou-se ali de costas para a parede. Tal como estava, só podiam atacá-lo de frente. O camareiro aproximou-se dele.

— Diga, senhor.

— Uma jarra de cerveja.

— Está bem, senhor. Cuidado para não rasgar este cartaz que está atrás do senhor.

Milton olhou-o. O cartaz com seu rosto estava a um metro de distância.

— Eu não sei de quem será — disse com a maior naturalidade. — Seis mil dólares... que beleza!

— Sim, senhor. Que beleza!

O homem afastou-se e voltou trazendo uma bandeja com a jarra de cerveja espumante. Segurava-a e inclinando-se, disse:

— Tome, senhor.

— Obrigado — disse Milton.

Seu movimento foi instantâneo. O gesto com que levou a mão ao revólver foi fulgurante. Disparou só uma vez. A mão direita do camareiro pareceu abrir-se em duas. O revólver que tinha saltou em pedaços.

— Antes segurava a bandeja com uma mão. Mas agora, ao segurar o revólver debaixo dela, não podia ler a mão aberta e a bandeja escorregava.

O camareiro havia saltado para trás, com um gesto de dor. Mas a festa só havia começado. Os suspeitos eram os tipos que liam jornal. Um deles o fazia tão mal que tinha o jornal de cabeça para baixo. Esse maldito do Reina podia ter escolhido um pistoleiro que soubesse ler, pelo menos... — pensou Milton enquanto movia o revólver. O fez a tempo.

Os dois revólveres acabavam de saltar pelos ares como se os dois leitores estivessem fartos de saber o que liam. Nó

lugar do papel apareceram os Colts. Milton disparou quatro tiros com uma rapidez vertiginosa, enquanto seus inimigos brincavam. Não tiveram tempo de atirar. Um deles encolheu- se na cadeira. O outro saltou para trás e derrubou algumas palmeiras anãs.

Milton os eliminou em segundos. Mas desta vez cometeu um erro fatal ao achar que o jogo havia terminado e ao pensar que não tinha mais inimigos pois não prestara a atenção no homem que limpava a lâmpada.

O homem sacou uma faca de uma de suas mangas. Da posição em que estava, praticamente em cima de Milton, podia curvar-se e cravar a faca em suas costas sem que percebesse. E Milton não percebeu!

A faca brilhou no ar enquanto os dedos a seguravam para o lançamento. E aquele foi o único erro do homem: o reflexo. Durante um instante, uma espécie de raio projetou-se sobre a parede.

Outro homem talvez não se desse conta ou reagisse tarde, mas Milton estava tão alerta que nada passava em branco. Assim que captou aquele reflexo, levantou o revólver que só tinha uma bala. Teve que jogar-se para o lado porque a faca já estava a caminho.

Cravou-se a meio palmo de sua cabeça. O assassino frustrado lançou uma maldição. Milton atirou.

Durante segundos parecia que o homem fosse ficar pendurado na lâmpada e cair com ela. Depois caiu. Sua queda parecia em câmera lenta. Milton ficou de pé.

Todos estavam brancos. O mais sem cor era o dono do hotel. Seu papo movia-se tanto ao tremer que fazia barulho.

— Juro... juro que... — balbuciou.

— Quem organizou essa armadilha? — perguntou com calma.

— Joe Reina.

— Por quê?

— Homem, pois por... por... porque tem muita simpatia por você.

— Não perguntei isso. Só quero saber como pôde organizar isso em um hotel que não é dele.

— Não é dele, mas é como se fosse. Se não obedecesse seria incendiado. Acontece isso com todos os comerciantes da cidade.

— De modo que não poderei entrar em um lugar e beber um copo de alguma coisa que todos estão contra mim?

— Você disse um copo? Nem tomar banho! Reina é capaz de matá-lo na banheira!

Isso de tomar banho é mau costume — disse um dos clientes. — Por que este pobre rapaz vai ter um vício assim?

— Perdoe-me, Gurt, mas não disse nada demais. Quando se toma banho estamos expostos a tudo, mas apesar disso tenho que instalar banheiras em meu hotel. Tem gente que gosta.

Milton havia recarregado o revólver. O fez atento a tudo. Mas não aconteceu mais nada porque ninguém se atreveu a mover um dedo.

O dono do hotel disse:

— O que vai fazer?

— Por enquanto não vou pagar nada.

— Nem o enterro desses tipos?

— Nem isso.

— Pois não sei o que vou fazer. Se colocá-los dentro do armário os clientes vão reclamar. Enfim, eu pago.

Milton bebeu a cerveja que, milagrosamente estava intacta.

E subiu para o seu quarto. Mas ali o esperava outra surpresa. Ele não podia imaginar.

Não podia imaginar a existência daquelas pernas fabulosas, daquele decote atrevido, daqueles lábios de deusa... e daquele revólver de seis tiros, último modelo, que podia pulverizar uma cabeça a quinhentos metros de distância.

CAPÍTULO SEXTO

Encontros e revelações

A primeira coisa que chamou sua atenção foram as pernas. Era errado fixar-se nisso, pois ela tinha algo mais interessante: o revólver. Mas ele sempre gostou de pernas. Tanto que se esqueceu do revólver e foi subindo a vista da ponta dos sapatos negros até acima dos joelhos. Depois fixou-se no rosto. Belas feições. Belos lábios. Os olhos talvez duros demais, mas fora isso, a mulher valia a pena e ele só se fixou no Colt quando já era tarde demais.

Mas ela não disparou. Só o olhava com olhos hipnóticos e duros.

— Feche a porta — disse.

Milton obedeceu.

Seu rosto era inexpressivo. Agora não refletia surpresas ou admiração. Não a olhou apesar de ela ter cruzado as pernas.

— Por que não atira? — perguntou ele. — Também é paga por Reina?

— Não tenho nada a ver com Reina — disse ela.

— E tem a ver com quem?

— Com Patterson.

Milton ouviu o barulho de sua mandíbula.

A verdade era que não havia esperado aquilo. Patterson parecia longe, apesar de saber que estava perto. Mas mandar

uma mulher em seu lugar, o que significava aquilo? Que sentido tinha?

— Surpreso? — perguntou ela.

— Claro que sim. Quem é você? O que lhe importa o que Patterson faz ou deixa de fazer?

— Sou sua noiva.

Novamente a surpresa estampou-se no rosto de Milton.

— Tire o cinturão ou atiro — disse ela.

Milton obedeceu. Não tinha outra solução e queria saber o que queria aquela enigmática e tentadora mulher.

— Talvez seja melhor que me apresente — disse ela. — Meu nome é Patrícia.

— Ah...

— Entrei aqui sem ser incomodada. Estavam tão ocupados preparando a armadilha que ninguém pensou em seu quarto.

— Já percebi.

— Levante as mãos. Não quero surpresas.

Milton obedeceu, enquanto dizia:

— Não entendi como pode ser a noiva de Patterson. Ele é viúvo e jamais esqueceu a mulher.

— Uma mulher que morreu em suas mãos, porco.

Milton não ligou para o insulto. Só anotou mentalmente que aquela mulher sabia coisas demais.

— Eu tinha sido noiva de Patterson antes dele se casar. Já o amava antes, mas não fiquei com raiva por ter casado com a outra.

— Muito comovedor.

— Cale-se, cachorro. Você jamais saberá que uma mulher tem sentimentos além de corpo.

— Nunca me interessei por sentimentos — disse ele cinicamente.

Os dentes dela apertaram-se com raiva, Milton pensou que de uma hora para outra ela poderia atirar.

— Quando fiquei sabendo da horrível morte daquela mulher decidi que teria que ser vingada — disse Patrícia.

Milton calou-se. Sabia o que viria depois. Cravaria uma bala entre suas sobrancelhas.

— Você ultrajou a mulher de Patterson e depois matou-a. Todos sabem.

— Sim.

— Não nega?

— Nunca neguei.

Ela olhava-o assombrada. Parecia pensar: É possível existir um homem tão cínico? Só uma bala é suficiente para fazê-lo pagar?

— Por que fez aquilo? Por quê?

— Gostava dela.

— E depois transformou-se em um cachorro fugitivo. Patterson jurou matá-lo.

— Sim, mas apesar disso, houve um momento que confiei nele.

— Foi muito natural — disse ela com voz tensa. — Ele queria seu sangue.

— Compreendo. O que não entendo é como fui tão bobo a ponto de acreditar nele.

Ela olhava-o cada vez mais assombrada.

— Sabe que é o animal mais cínico que já vi?

— Todos os criminosos são cínicos — disse Milton tranquilamente.

— Porém, você jamais negou seu crime nojento.

— Não tive culpa de passar pelo deserto — disse ele. — Não tive culpa de entrar ali e pedir um copo de água. Nem da mulher gostar de mim, de não resistir.

A mão que empunhava o revólver tremeu. Patrícia disse:

— Cachorro sarnoso.

— Por outra parte estava a prova contundente de que eu não podia negar — continuou dizendo ele, como se aquelas horríveis acusações se referissem a outra pessoa. — Era o medalhão que ela tinha entre os dedos crispados. Dois dias antes eu o havia tirado do corpo de uma mulher morta, em uma diligencia assaltada por pistoleiros. Muita gente viu. Todos sabiam que aquele medalhão que ela conseguiu arrancar-me entre seus últimos espasmos, era prova que me comprometia definitivamente.

— Por isso não se incomodou em negar?

— E de que me serviria? — murmurou. — Para que negar uma coisa que estava clara? Testemunhas me viram passar por aquele lugar, sabiam que eu tinha aquele medalhão antes e que depois foi encontrado entre os dedos da esposa de Patterson. O que queria? Que chorasse? Que dissesse que era mentira? Que me arrastasse pelo chão como fazem alguns assassinos? Não, princesa, não... Era melhor fugir. E as coisas estavam indo bem.

Ela olhava maravilhada ante tanto sangue-frio. Tanto cinismo.

— Hiena asquerosa — disse.

— Muito bem, se acha isso, por que não atira de uma vez?

— Porque quero que Patterson o mate.

— Patterson?

— Sim. Eu o amo — disse ela, arrastando as palavras. — Acha estranho que queira ajudá-lo? Para esquecer o que houve ele precisa fazer algo.

— O quê?

— Matá-lo.

— E ainda receber seis mil dólares. A recompensa subiu.

— Seis mil nunca caem mal.

— E você quer entregar-me atado de mãos e pés, certo? Quer que depois de matar-me, Patterson consiga refazer sua vida com você?

— É um desejo muito normal, já que sempre o amei — disse ela.

— Seguiu-me esse tempo todo para poder matar-me?

— Sim.

— Pois tem mais sagacidade que Patterson.

— Às vezes os homens são muito inteligentes — disse ela tranquilamente. — A inteligência também prejudica. Os que pensam demais, como Patterson, não se deixam guiar pelo instinto e o instinto é o que menos se engana. O importante é que o peguei. À noite vou telegrafar para Patterson dizendo que está aqui. Chegará de uma hora para outra.

— E me encontrará diante de sua noiva, com os braços para o alto e sem armas. Uma cena comovente.

Uma faísca passou pelos olhos dela. Era uma faísca perigosa, quase inumana, como tudo o que havia naqueles olhos.

— Eu podia matá-lo — disse, — mas quero que ele tenha esse prazer. Só assim terá sua vingança saciada. Se uma mulher fizesse isso por ele, Patterson iria se sentir fracassado.

— Claro... — disse Milton.

Naquele instante ouviu o golpe do cavalo através das janelas. Naquele momento alguém gritava de alegria:

— Caramba... Que sorte! É o federal Patterson!

À reação de Milton foi instantânea. Sabia que agora não tinha um segundo a perder. Patterson havia sonhado matá-lo e agora não podia dar um centavo por sua pele.

Patrícia havia desviado o olhar para a janela ao ouvir o grito. Só décimos de segundo. Que foram suficientes.

Milton disparou sua perna direita quando ela o olhou novamente. Foi apertar o gatilho, mas o revólver já havia saltado. O tiro soou quando o revólver voltava.

Milton afogou uma maldição.

Aquele tiro era a pior coisa que podia ter acontecido, pois Patterson viria para lá cm seguida. E para piorar, a mulher deu um grito aterrador.

Milton segurou-a por baixo do queixo. Patrícia lançou uma espécie de som gutural que voava pelos ares. O empurrão a fez traçar uma linha e cair na cama.

Milton recuperou o cinto enquanto Patrícia torcia-se de dor. Não tinha nada quebrado, mas a dor no pescoço era horrível.

Milton abriu a porta e correu para as escadas que levavam ao andar superior e ao telhado. Enquanto subia ouviu as pisadas de Patterson que também subia. Que velocidade ele tinha! Tanto tempo tendo-o às costas, tanto tempo pensando que o enganara e de repente...

Milton forçava a claraboia quando ouviu o grito de Patterson.

— Patrícia... O que houve? O que esse cachorro fez?

— Não se preocupe, estou bem... Consegui pegá-lo, mas acaba de fugir... Corra! Tenta escapar pelo telhado!

Naquele momento, Milton passava pela claraboia. Não tinha tempo a perder. Patterson atiraria quando o visse. Pulou para o telhado com a agilidade de um gamo. Alguém gritou:

— Ali!

Era incrível a agilidade de Patterson. Quando Milton pulava de uma casa para outra, o federal já estava na claraboia. Trepava com o Colt entre os dentes, mas logo o pôs na linha de tiro. Disparou uma vez. Duas.

Só a agilidade de Milton — superior à do federal — salvou-o nessa hora. Rolou pelo telhado, enquanto as balas sibilavam à sua volta. Pulou novamente, agora planando por cima de uma rua pequena. Houve um momento em que pareceu um pássaro. Patterson atirou de novo dizendo:

— Maldito...

Disparou novamente, mas agora tinha o ângulo de tiro difícil e falhou. E era impossível para Milton também atirar certo. Apertou o gatilho só uma vez. A bala roçou o braço direito de Patterson, produzindo uma ferida. O federal teve que encolher-se de dor. Compreendeu que já não podia apontar direito por causa da rigidez do braço.

Enquanto isso, Milton estava sumindo. Dera outro pulo, rodando pelo telhado e caindo na rua, mas caiu bem, flexionando as pernas sem machucar-se. Correu para o outro lado do povoado. Um povoado muito pequeno para que Patterson não o encontrasse logo. Mas no momento tinha que colocar a maior distância entre os dois.

Não percebeu que alguém o seguia. Não percebeu que uma figura alta, rígida, movia-se atrás de suas pegadas.

Aquela figura chamaria a atenção em muitos lugares, pois tratava-se de um homem muito grande. Maior que o próprio Milton. Era jovem, de gestos calmos, um pouco lentos, mas dono de muita força. Havia outras coisas que chamavam a atenção nele. Seus olhos vazios, por exemplo. Espantosamente vazios. Quase de um morto.

Mas no momento ainda não havia chamado a atenção porque acabara de chegar a Kayville. Chegara com um

nome na cabeça: Milton. E agora que o vira, seguia-o como uma sombra.

O fugitivo procurava um lugar para esconder-se, pois a cidade era muito pequena para isso.

Mais alguém o seguia além do homem forte e de olhar vazio. Era um dos homens de Reina. Vira Milton fugir pelo telhado. Por um momento teve a chance de atirar, mas a surpresa o impediu de agir a tempo. E agora ia atrás dele, em silêncio, querendo caçá-lo.

Milton passou em sua fuga pelo curral público. Ali era um bom lugar para esconder-se, mas também seria um dos primeiros lugares que Patterson procuraria. De modo que seguiu em frente e atravessou uma rua secundária para encontrar-se em um armazém de feno que não tinha portas e onde era difícil que o encontrassem. Enquanto isso poderia pensar...

O pistoleiro de Reina, que seguia Milton, demonstrou não ser bobo e conhecer bem a cidade. Compreendeu que o armazém era um dos poucos lugares onde Milton poderia esconder-se e foi para lá. Assim que Milton entrou, o pistoleiro já sacava o revólver e engatilhava sem fazer ruído...

Milton era um alvo perfeito. Estava em dúvida para onde ir. De costas para seu inimigo, não percebia nada. Sua nuca foi o ponto em que o pistoleiro mirou. Apertou os lábios em uma careta de triunfo. Foi atirar. E de repente...

Cloc! Pareceu que sua nuca havia saltado em pedaços. O golpe terrível, dado com o canto da mão aberta, era capaz de matar um boi. E matou aquele homem que nem sequer deu-se conta do que acabara de acontecer.

Milton virou-se rápido. Estava lívido. Percebeu, então, que estivera perto da morte. Bastou ver o cadáver do homem com o revólver engatilhado, para compreender o

que havia acontecido. Cravou os olhos naquele homem enorme, que se aproximava dele. Olhou suas pupilas vazias, sem luz, que diziam não ter nada por trás. Olhou também as mãos que matavam com um golpe só. Aquela figura aproximou-se dele. Causava medo.

Contudo, foi enternecedora a simplicidade com que se inclinava para Milton. A humildade com que pegou sua mão e quis beijá-la. Milton estremeceu. Retirou-a vivamente.

. — Não sou um padre — grunhiu, — pelo contrário. Além disso, não vou permitir que meu próprio irmão me beije desse modo. E deu uma palmada no gigante.

— Salvou-me a vida, Bill — suspirou. — Nunca vou agradecer-lhe o bastante.

— Você salvou... a minha... muitas vezes.

Bill falava pesadamente, como se tivesse dificuldades para coordenar as ideias, mas sua voz era clara. Sentou-se em uma pilha de feno junto a seu irmão e olhou-o com uma espécie de veneração.

— Como chegou aqui? — perguntou Milton.

— Já sabe que... o sigo.

— Estava melhor naquela casa, Bill. Sabe que eu pagava sua manutenção e todo o resto.

— Fugi.

— Sim, já percebi. Infelizmente, eu vejo.

— Disseram-me que estava em perigo e pensei: Tenho que... tenho que... ajudá-lo...

Milton moveu a cabeça, comovido. Estava acostumado desde pequeno e aquele olhar de admiração o incomodava, porque não era o olhar de um homem e sim de um cachorro.

— Além do mais me insultaram... — disse Bill. — Diziam que eu sou irmão de um bandido... Uma vez, porque não quis obedecer, cinco me bateram.

— Compreendo que cinco é covardia, Bill, mas devia obedecer.

— Eu... eu só queria vê-lo. E já estou aqui...

— Perfeito, Bill. Esta é uma péssima cidade. Está correndo perigo.

— Querem matá-lo?

— Esqueça — disse Milton.

— Vou destroçar as pessoas que quiserem matá-lo.

— Não toque em mais ninguém, Bill. Já fez o bastante. Vou dar-lhe um dinheiro e voltará para aquela casa. Verá como vão tratá-lo bem.

Bill moveu a cabeça negativamente. Era como um menino que sofria. Tinha sua lógica e não entendia muitas coisas.

— Mas por que querem matá-lo? Você é bom.

— A coisa vem de longe, Bill.

— Sempre foge...

— Sim.

— Principalmente, depois que encontrou aquele medalhão...

Milton fechou os olhos e lembrou. Era como se o tivesse entre os dedos novamente. O pesado medalhão de ouro que os agentes do xerife encontraram entre os dedos da mulher de Patterson. Que todos viram em seu poder horas antes.

Quando abriu os olhos de novo havia uma nuvem cinza neles.

— É possível que não lembre de nada, Bill?

— Lembrar? De quê?

— Eu fui um dos primeiros a chegar junto àquela diligência assaltada. Levei um ferido na garupa do cavalo e peguei o medalhão daquela morta, para entregar ao xerife, pois supus que se tratava de uma recordação de família. Mas

você me roubou, Bill. Você gostou porque brilhava mais que as outras. Roubou-me, Bill. Não lembra?

O anormal balançou a cabeça pesadamente. Tudo aquilo parecia flutuar como uma nuvem. Olhou para o irmão como que temendo que este o reprovasse, mas a expressão de Milton era tranquila.

— Claro que me lembro — disse. — Gostei do medalhão. Eu roubei sim. Fiz mal, Milton? Sempre pensei que você me odiava por isso.

— Não, Bill, não o odiava. Como poderia se o criei desde pequeno?

Bill estremeceu. Era um gigante que se enternecia facilmente.

— Você me roubou — disse Milton, — mas não guardo rancor. Contudo, pergunto-lhe: não lembra de mais nada?

— O que preciso lembrar mais?

— A casa junto ao deserto... A... mulher...

Bill estremeceu novamente. E Milton não quis continuar. Era demais para uma mente doente. Não podia torturá-lo tanto. Bill havia esquecido seu ato terrível, simplesmente porque não fora responsável por ele. Milton juntou as mãos em sinal de impotência.

Bem, o que ia fazer?... Aquela era sua cruz, entre outras. Não pôde permitir que levassem seu irmão para a forca, Bill não sabia o que tinha feito. E Bill estava a seus cuidados.

Por isso, quando as circunstâncias o acusaram, não negou. Não disse que sabia quem era o culpado. Bill não saberia e ele sim. E já o perseguiam por outras coisas, por que não mais por isso?

Mas não enforcariam seu irmão. Olhou tristemente para Bill e disse:

— Não entendo. Você é bom.

— Não fui bom ao roubar o medalhão.

— Refiro-me a outro.
— A quê?
— A... mulher.
— Ah, sim... a mulher.
— Bem, esqueça, Bill... Não vale a pena. E agora aceite esse dinheiro e volte para aquela casa. Lá você ficará melhor. Esta cidade fede a morte.
— Não, não vou embora.
— Por que não?
— Querem matá-lo...
— Bem, isso não é novidade.
— Vi os cartazes com seu rosto... Sei o que é um cartaz. E debaixo havia uma quantia com... muitas coisas redondas.
— Três coisas redondas. E um seis. Mas não se preocupe porque ainda vai subir.

Aproximou-se de seu irmão e deu uma suave palmada em seu rosto e pediu, como se quisesse convencer um menino:
— Prometa que vai.
— Não.
— Amanhã... Prometa.

Bill concordou com a cabeça. Era difícil não obedecer a Milton.
— Está bem. Amanhã.

Agora o que falta é saber se estarei vivo — pensou o fugitivo. — Saber se não vão oferecer o pobre Bill junto comigo...

Encolheu os ombros porque não podia fazer nada. Perguntou:
— Tem tabaco?
— Não.
— Pois veja no bolso desse homem. Talvez o morto tenha...

CAPÍTULO SÉTIMO

Caça ao procurado

Patterson estava lívido de raiva. O homem a quem mais odiava estava fugindo, quando já o tinha nas mãos. Havia momentos que Patterson não entendia como Milton podia fugir.

De todo modo, o povoado era pequeno e não poderia encontrar um esconderijo tão difícil assim. De modo que o federal se dispôs a revistá-lo por completo e deixar tudo de cabeça para baixo.

Decidiu-se a essa tarefa até o anoitecer, mas não teve sorte. Não encontrou nem sinal de Milton. Contudo, esteve muito perto dele, esteve a poucos passos, mas não suspeitou.

Encontrou o cadáver de um homem junto ao armazém de feno. Era o pistoleiro de Joe Reina que Bill matara, mas Patterson não sabia. Suspeitando de algo, sacou o revólver e entrou no enorme lugar.

Havia sacos de sementes e pilhas de feno por todas as partes. Era fácil esconder-se ali, por isso o policial procurou com muita atenção. Não imaginou que havia dois homens escondidos e não um. Nem chegou a saber que qualquer um deles poderia matá-lo se quisesse.

Quando terminou, Patterson voltou para o hotel. Em uma esquina esteve a ponto de tropeçar com Milton, que

havia saído de seu esconderijo. Os dois homens passaram a quatro metros de distância um do outro, mas não desconfiaram de nada.

Milton foi para a casa de jogo de Porter, que era a mais importante da comarca. Lá as apostas eram tão altas que um vaqueiro teria que usar todo seu salário em uma jogada só.

O homem mais procurado do lugar havia decidido dar as caras. Por quê? Não havia entendido até que entrou na casa de jogo e viram-no dirigir-se até a mesa que estava Joe Reina.

Reina sentia-se seguro ali. Era uma casa bem vigiada e protegida por seus pistoleiros. Por isso, tinha certeza que Milton jamais poria os pés ali. Contudo, ali estava ele.

Parado junto ao balcão que ficava â esquerda da sala de jogo. Olhando-o com seus olhos hipnóticos. Com a mão direita descansando bem perto do revólver. Joe sentiu uma espécie de bola na garganta.

Nunca fora um valente. Pôs-se de pé lentamente, enquanto vigiava a posição de seus pistoleiros. Estes eram três e estavam situados estrategicamente. Estavam prontos para o combate. Milton não poderia fazer nada contra eles nem contra Reina.

Este colocou as mãos sobre o pano verde e ria secamente.

— Parece que quer poupar-me trabalho, Milton — disse. — Meus homens o têm procurado todo o dia e agora aparece de repente. O que houve? Quer suicidar-me?

— Talvez sim — disse Milton, só despregando os lábios.

— E diz assim tão calmo?

— É que antes vou levar pela frente o bandido mais nojento do Novo México.

Joe sentiu um estremecimento lento, gelado, que lhe chegava até os ossos. Sabia que Milton não brincava. Olhou para seus pistoleiros. Não percebeu que o fazia mal. Com aquele olhar covarde indicava suas posições para Milton.

Este percebeu que Reina era o menos perigoso porque confiava em seus pistoleiros. Portanto, a partir daquele momento parou de olhá-lo para prestar atenção em seus guarda-costas.

E Joe Reina fez um sinal. Seus três homens moveram-se ao mesmo tempo. O fogo brotou daqueles revólveres, mas Milton já sabia o que fazer. O que tinha melhor ângulo de tiro sobre ele, era o que estava atrás de Reina, de modo que Milton tratou de eliminá-lo antes. Aquele gesto lento, suave, com que acariciou o revólver, foi o princípio do fim. Disparou sem sacar.

Seu gesto foi de um maestro que conhece tudo. O homem deu um salto, como se tentasse sair da linha de tiro. Não conseguiu. A bala entrou em seu peito e deixava escapar um gemido de dor.

Os outros dois estavam em uma posição de tiro ruim. O guarda-costas da direita disparou com raiva, acertando um dos crupiers, para poder acertar Milton. Mas este também não ficou parado. Com o revólver na mão, poucos eram tão rápidos quanto ele. Assim que o crupier começou a dobrar-se, já disparava sobre sua cabeça.

O pistoleiro recebeu o tiro sem dar-se conta do que acontecia. Sentiu como se tivessem cortado sua mandíbula com uma navalha.

O terceiro pistoleiro disparou duas vezes, enquanto pulava procurando um melhor ângulo de tiro. As pessoas gritavam e moviam-se para todos os lados.

Milton não perdeu a calma. Era aquela tranquilidade que lhe dava vantagem sobre seus inimigos. Deu um passo

para a direita, sabendo que o pistoleiro quase tropeçaria nele.

Com efeito, o outro, ao procurar um lugar melhor, não percebeu que estava diante de Milton. Quando recebeu a bala no pescoço e foi jogado contra a parede não sentiu nada...

Joe Reina estava louco de terror diante dos acontecimentos. Ele, que havia condenado tanta gente à morte, não pensou terminar daquele modo. Gritou como um rato, enquanto metia seus dedos no pequeno Colt que usava debaixo do casaco. Milton disparou quase sem perceber.

Foi apenas um tiro. Os olhos de Reina dançaram. Notou uma coisa quente na carne e não percebeu que era seu próprio sangue. O revólver escorregou por entre os dedos e caiu embaixo de uma mesa.

Milton girou sua arma antes de guardá-la no coldre. Não se incomodou em recarregá-la. Pegou o Colt de um dos pistoleiros e meteu entre a camisa e a calça.

Ninguém podia crer que o poderoso Reina estava morto.

Um dos homens que estava em uma mesa, disse:

— Pôquer.

— Pôquer de quê? — resmungou um jogador contrário.

— De defuntos, idiotas...

* * *

Naquela mesma noite, o xerife dispunha-se a tomar seu último gole de café quando recebeu outra visita ilustre. Nunca imaginou que aquele homem iria plantar-se diante dele e com cara de medo. O poderoso Wance empurrou a porta e disse sem muita convicção:

— Posso?

— O que faz aqui? O que quer? — disse o xerife.

Wance sentou-se ante a mesa e tomou o café que o xerife preparara para si. Pelo jeito precisava de um gole.

— Acabo de saber que Reina está morto — disse, enquanto tremia. — Você sabe que tínhamos negócios juntos, mas não brigávamos.

— Certo, apesar de saber que acabariam brigando mais tarde. Bem... o que quer, senhor Wance?

— Milton... — disse aquele homem outrora poderoso.

— Sei quem é. E daí?

— Ele matou Reina. Tem que fazer alguma coisa...

— Joe Reina estava bem protegido. O que seus pistoleiros fizeram para defendê-lo?

— Não puderam fazer nada.

— E acha que eu posso?

— Você representa a lei...

— A lei? Bonita maneira de lembrar-se da lei depois de a ter pisoteado bastante, Wance.

O outro engasgou-se. Ainda tinha muitas cartas para jogar e não estava disposto a permitir que um simples xerife lhe faltasse com o respeito. Disse com voz áspera:

— Vim cumprir meu dever de cidadão, de modo que se cale.

— Um dever de cidadão?

— Sim. Fiquei sabendo pelos cartazes que esse sujeito tem a cabeça a prêmio.

— Ainda bem que sabe ler, Wance.

— Você está brincando com as coisas, xerife. Não vá por esse caminho. Apesar dos seis mil dólares ninguém conseguiu pegá-lo.

— Não, não foram capazes.

— Suba para sete mil e quinhentos.

— Mas terei que fazer novos cartazes...

— Faça-os. Aqui está o dinheiro para a impressão.

O xerife pegou-o. Era seu dever obedecer. Foi até o impressor que já se dispunha a dormir. Abriu os olhos e sussurrou:

— Mais duzentos cartazes e pagos na hora? Mas isso é uma mina!

* * *

Na manhã seguinte os cartazes com a nova quantia já estavam colocados em toda a cidade. Os homens de Wance junto com os de Reina, que agora tinham mudado de bando, realizaram um bom trabalho. Não havia parede sem cartaz.

Da janela do seu quarto de hotel, com os olhos injetados de sangue e raiva, Patterson leu o cartaz que estava na esquina em frente. Como sua vista era a de um falcão, podia lê-lo como se estivesse a um palmo de distância. Disse com ódio:

A porta de seu quarto foi aberta. Ele havia ocupado uma peça contígua à de Patrícia, mas descansou poucas horas pois esteve procurando Milton. Depois de saber que este havia aparecido para matar Reina, procurou por toda a cidade novamente, enquanto sentia o ódio aumentar. Mas foi inútil. Aquele condenado parecia ter sido tragado pela terra.

Patrícia entrou no quarto.

Fixou os olhos de Patterson, olhos carregados de raiva. Mas tentou animá-lo com um sorriso e apoiou-se suavemente em seu peito, enquanto murmurava:

— Não descansou...

— Nada.

— O que há com esse cachorro? Não aparece?

— Não. Não entendo o que aconteceu com ele. Parece um bruxo que some no ar.

— Não se preocupe. Vai aparecer.

— E pensar que o tive em minhas mãos no presidio... Pensar que havia conseguido atrai-lo a uma armadilha...

— Odeia-o mais que a tudo nesse mundo, não?

— Odeio tanto que não me importaria de morrer se pudesse matá-lo.

Acabar com esse bicho é a única coisa que me interessa. Não doeu nem mesmo preparar-lhe uma traição no presidio, onde ele confiou em mim. Mas com Milton, o fim justifica os meios. Mata-lo é o que interessa.

Dobrou os dedos de forma que o barulho encheu o quarto. Patricia estremeceu, metade por medo, metade por prazer. Seduzia-se com aquela violenta sensação de masculinidade de Patterson.

Apertou-se contra ele como uma gata.

— Trouxe um pouco de café — disse. — Vai gostar porque está forte.

Patterson bebeu com um gole só. Nem percebeu. Com o olhar perdido, repetiu:

— Pensar que o tive nas mãos em Albuquerque... Pensar que podia tê-lo morto...

— O que ele fez com sua mulher não tem perdão, Patterson. Deve acabar com ele.

— Quando o encontrar vou destroçá-lo — disse ele, com o olhar perdido. — Quando a encontrei transformada em um trapo ensanguentado... Quando vi o que havia feito com ela pensei que... que...

— Por favor, querido, não lembre.

A palavra querido, saiu espontaneamente dos lábios dela, que não percebeu. Disse, com os punhos apertados:

— Milton deve ser um sádico. Mas como está certo de que foi ele?

— Parecia coisa de um anormal... Obra de um doente que não quis aproveitar só o corpo dela e sim destrocá-la... E você ainda pergunta se foi ele? Dezenas de pessoas não viram aquele medalhão? E não apareceu entre os dedos crispados de minha mulher? Não está claro que ela o arrancou de seu verdugo em seus últimos espasmos de agonia? E ele por acaso incomodou-se em negar seu crime?

— Isso é verdade — disse ela suavemente. — Não negou nem para mim.

— Pois a coisa está tão clara que não merece comentários. Só quero matá-lo, destroçá-lo com minhas mãos...

Torceu os dedos como se já estivesse estrangulando-o. Os olhos saíam das órbitas. Por um momento, Patrícia não o reconheceu.

— Por favor, Patterson... Vai acabar com ele. Mas agora tem que esquecer... Esquecer...

E estendeu-lhe os lábios. Foi uma carícia sutil, que ele não captou totalmente. Uma carícia tantos anos esperada, que parecia vir de muito longe.

* * *

Milton havia passado a noite na oficina de bonecas e dirigiu um sorriso para Nora quando esta entrou para trabalhar. Ela parecia assustada. Olhou-o e disse:

— Ninguém veio incomodá-lo?

— Ninguém. Estou seguro aqui.

— Não sei se sabe, mas a cidade está cheia de cartazes oferecendo sete mil e quinhentos dólares por sua cabeça.

Ele sorriu. Era o sorriso de um cansado de viver. Fez um gesto de indiferença, enquanto dizia:

— Obrigado por tudo, Nora.

— Obrigada a você..., mas pergunto-me se quer que o matem...

— Por que pensa assim?

— Parece que só tem interesse em matá-lo.

— Oh, não.

— Pois é uma coisa estranha.

— O quê?

— Que aumentem o preço de sua cabeça. Parece que matou Joe Reina só para que aumentem o preço de sua cabeça.

— Não há motivo para que pensem assim — disse ele, suavemente. — Ele era um bandido.

— Pois se queria limpar a cidade, poderia ter sido mais discreto, não diante de todos. Qualquer um diria que está esforçando-se para aumentar o preço de sua cabeça. O que ganha com isso?

Milton continuava a sorrir daquela forma inexpressiva. Foi para a porta, enquanto dizia:

— Obrigado por sua hospitalidade, Nora. Ajudou-me em uma das noites mais difíceis de minha vida.

Pôs a mão na porta para sair. Ela disse:

— Milton...

A mulher o olhava fixamente. Seus lábios tremiam. Parecia querer confessar alguma coisa.

— O que é? — insistiu ele, ante seu, silêncio.

— Nada... Só que... Só que não quero que o matem.

Havia tanta ternura naquela voz e aquelas simples palavras diziam tantas coisas secretas que Milton sentiu-se comovido. Mas nem um só músculo de seu rosto moveu-se. Só disse pausadamente:

— Ninguém me matará se eu não quiser, boneca. Ninguém — e saiu.

Caía um sol forte sobre a cidade. Era como se o sol entrasse na cabeça dos homens para incitá-los a disparar...

Milton viu um cartaz num poste e disse:

— Saia daí, idiota...

* * *

Patterson teve sorte desta vez. Estava há mais de uma hora vigiando a rua para ver se via Milton, quando de repente, o distinguiu. Este avançava por um alpendre a descoberto, como se estivesse louco. Como se não soubesse que á cidade inteira estava atrás dele.

Patterson baixou um pouco o rifle e encaixou bem na cabeça de Milton na mira. Sabia que matar assim era uma traição e que era contra seus princípios. Mas não se importava. Só quem iria lamentar era Milton. Uma bala de Winchester 73 iria deixá-lo seco sem que se desse conta. E isso foi o que o deteve, pois ele gostaria que Milton soubesse. Que visse sua cara. que ouvisse sua gargalhada de triunfo. Não percebeu que esses décimos de segundo podiam ser decisivos, já que ele não era o único que queria matá-lo. Uma escopeta de dois canos aparecia naquele momento por uma janela por onde o jovem teria que passar, mas este percebeu quando já estava quase em cima. Deu um salto instintivamente.

Os dois rifles fizeram fogo na mesma hora. Mas não foi dessa vez que Milton morreria.

O inesperado salto de Milton fez o tiro de Patterson falhar. Recarregou o rifle para disparar novamente, mas Milton já se havia escondido em um canto, enquanto uma nuvem de poeira o perseguia ao longo da rua.

Em um instante o fugitivo perdeu-se de vista. De todo modo, ninguém compreendia como se expusera tão claramente. Alguém disse com assombro:

— Esse homem quer se matar...

Não, Milton não queria matar-se, apesar de parecer o contrário. Seus próximos movimentos deram razão aos que pensavam isso. Foi até o curral público onde haviam vários "amigos" seus.

Os homens de Reina e de Wance estavam lá, selando os cavalos para irem ao cemitério. Ia ser o desejado enterro de Reina. Tão sonhado que alguns vizinhos começaram a tapar os ouvidos ao verem Milton avançar para lá. Meia cidade viu seus movimentos, mas não Wance e seus homens, que estavam sob sua mira. E todos pensaram o mesmo naquele instante decisivo: Milton estava louco... Queria que o matassem...

CAPÍTULO OITAVO

Nove mil dólares!

Wance gritou:

— Acabem com ele!

Foi tudo tão rápido que nenhum dos sete pistoleiros que estavam ali, deu-se conta de como o tiroteio começou. O grito de Wance misturou-se com o estampido do primeiro tiro. Um dos pistoleiros que estava junto a porta, pulou para trás com os braços abertos, enquanto dava um grito.

Milton usava dois Colts e parecia disposto a usá-los sem contemplações. Atirou com o da esquerda em outro de seus inimigos, que levantava o rifle.

A arma voou pelos ares, enquanto seu dono caía ao ver uma nuvem vermelha à sua frente. Wance ficou atrás de uma coluna perto da porta. E gritou novamente:

— O que estão esperando? Matem-no!

Milton pulou para cair entre as patas dos cavalos. A poeira cobria tudo.

Parecia que tudo fora calculado por Milton, que ficou em um lugar onde a poeira era mais espessa e disparou contra as silhuetas confusas, sabendo que cada uma era a de um inimigo. Em troca, os pistoleiros não sabiam onde ele estava. Ao caírem mais dois, os outros três sentiram vontade de fugir.

Wance não podia acreditar. Aquele ataque surpresa havia desmoralizado seus homens. A rapidez com que havia acontecido os impedia de raciocinar. Agora só podiam tentar esconder-se.

Milton atirou em outro que tentou fugir. Continuava entre as patas dos cavalos e coberto pela poeira. Um dos homens que passou por sua mira caiu, dando uma pirueta.

Wance notou gotas de suor em sua testa. Ele também pulou para a parte posterior. Não queria ficar envolto naquela nuvem de poeira. Outro pistoleiro caiu para sempre, enquanto o último fugia para dentro do curral.

Milton correu entre os cavalos enlouquecidos e procurou Wance, mas não encontrou. O pássaro fugiu enquanto seus homens morriam. O olhar do fugitivo passeou sobre os corpos no chão. Podia-se dizer que os bandos de Reina e Wance foram eliminados. Kayville já não voltaria a estar envolta no terror como esteve durante os últimos tempos. Um reclamado pela lei havia imposto a ordem, enquanto o xerife se dedicava a encher seu escritório de fichas.

Milton recarregou suas armas e saiu pesadamente do curral para dirigir-se ao centro da cidade. Era o cúmulo da desfaçatez.

* * *

Wance estava mortalmente pálido quando se apresentou diante do xerife. Estava coberto de poeira e suas pernas tremiam tanto que teve que segurar-se na mesa para não cair. Disse:

— Xerife, vi um assassinato.

— De quem?

— De meus homens...

— Seus homens eram uns covardes. Para que discutir isso agora?

— É que íamos a um enterro...

— O enterro de Reina, suponho. Bem, por que não vai sozinho?

— Não sabe o que diz.

— Claro que sei. Um ajuste de contas entre bandidos pouco me importa. Não me meto com você porque reconheço que sou covarde. Mas se Milton for embora não vou persegui-lo.

— Então não vai fazer nada...?

— Tem graça que tipos como você se lembrem de lei agora, Wance.

Os olhos do homem inflamaram-se. Sabia que para acabar com Miltom só bastava uma bala. De modo que disse:

— Nove mil...

— Nove mil o quê?

— Nove mil dólares, maldito. Em que idioma estou falando?

— Vai elevar a recompensa por Milton a nove mil dólares, senhor Wance? — perguntou o xerife levantando uma sobrancelha.

— Claro que sim. Ou precisa que escreva para você?

— Não, não precisa. Mas percebe o que vai conseguir? Percebe que grupos armados até os dentes vão perseguir Milton?

— O que você acha que penso? Já não tenho pistoleiros, mas terei "honrados" cidadãos ansiosos por dinheiro atrás desse maldito. Milton cairá cosido de chumbo se atravessar uma esquina.

— É verdade — disse o xerife. — E quase lamento.

— Não vai dizer que sente simpatia por esse sujeito?

— Não, mas de certo modo acabei divertindo- me.

Wance, que estava recuperando-se de susto, deu um soco na mesa.

— Bem, — disse. — Imprima os novos cartazes.

— Isso já virou moda.

— Toda a cidade deve estar repleta deles. Faça o que digo.

O xerife se pôs de pé.

— De acordo, Wance — disse, — porém solte a grana.

— Grana para quê?

— Para imprimir novos cartazes.

— Certo. Que mais?

— Quero os nove mil aqui e agora. Quero que os deposite.

— Por que tanta pressa?

— Por que não estará vivo por mais de meia hora. Por isso, passe o dinheiro.

O homem não gostou do tom de voz do xerife, mas após soltar uma maldição fez um cheque ao portador no valor estipulado. O xerife guardou-o. Não precisava comprovar porque sabia que Wance tinha dinheiro.

Wance se pôs de pé. As pernas voltaram a tremer.

— E agora o quê? — disse.

— Vou mandar imprimir os novos cartazes.

O xerife saiu, enquanto Wance ficava no escritório por achar mais seguro. Quando o impressor ficou sabendo que o xerife queria mais duzentos impressos, ficou realizado. Estava ganhando mais dinheiro nas últimas horas que em todo o ano anterior.

— Claro que farei — disse. — Estarão prontos em seguida.

— Tem homens para colocá-los em todas as esquinas da cidade?

— Por quê? Quem fazia esse trabalho eram os homens de Reina e Wance.

— É que agora os que serviam a eles se foram.

— Compreendo. Está bem, contratarei homens para fazer isso. Mas, sabe de uma coisa? Vou ficar triste quando esse homem morrer.

— Eu também, mas está condenado a morte. Qualquer um vai matá-lo pelas costas. Esqueça-o.

O impressor encolheu os ombros e dedicou-se a seu trabalho.

Wance perguntava-se onde andaria Milton, enquanto olhava para os cartazes colocados na barbearia ao lado do escritório do xerife. Coçou a barba, viu que estava crescida e entrou na barbearia para cortá-la. Deixou-se cair em uma das cadeiras lançando um suspiro de alívio.

— Bem, — disse. — Creio que agora poderei descansar. Nove mil dólares é um bom dinheiro...

O barbeiro estava de costas e afiava a navalha. Perguntou educadamente, sem virar-se:

— Cortar, senhor?

— Sim, mas bem fino. Quero estar bem para o enterro desse maldito Milton.

O barbeiro virou-se lentamente. Colocou a navalha na garganta de Wance.

— O que acha? Começo por aqui?

Wance, que estava com os olhos fechados, abriu-os rapidamente e por pouco não tem uma síncope. A navalha era verdadeira, mas o barbeiro não. O barbeiro era... Milton.

Com um fio de voz, um gorgorejo gutural, balbuciou:

— Não... não faça isso.

A navalha acariciou a garganta de Wance sinistramente. Fez um leve corte.

— Você já matou muitas pessoas, Wance — murmurou, — e merece menos compaixão que Reina. Mas não serei tão covarde para matá-lo assim, sem dar-lhe chance de defesa.

Soltou a navalha. Wance estava lívido. Foi levar a mão ao revólver, mas Milton segurou-a com dedos de aço.

Wance ficou de pé.

Ao encontrar-se frente àqueles olhos gelados, uma sensação de medo apoderou-se dele. Mas se refez. Não era mal atirador e já matara muita gente em circunstâncias parecidas. Sempre levava um revólver pequeno escondido na manga esquerda. Um revólver que costumava sacar quando seu inimigo só tinha a mão direita para usar. Era um truque muito bom.

— Vai ter a oportunidade que não deu às suas vítimas, assassino. Depois de cinco passos, saque!

— Dê-me um tempo — disse Wance.

— Tempo para quê?

— Para ajustar o cinto...

— Faça...

Wance fingiu que arrumava o cinto, mas na verdade estendeu o braço esquerdo e o pequeno revólver encaixou-se em seus dedos. Milton deu um grito quando sentiu o frio da morte nos ossos.

Esteve a ponto de cair no truque. Moveu a mão rapidamente enquanto se contorcia. Isso o salvou: sua frenética rapidez. Foram frações de segundos que o impediram de cair com a cabeça perfurada. Atirou sem sacar. Essa técnica o salvou. Wance, que já ia apertar o gatilho, sentiu um choque no rosto e notou que os objetos da barbearia davam voltas. Caiu sentado em uma cadeira.

Milton abriu a porta que dava para o interior e tirou o autêntico barbeiro dali. Este, terrivelmente pálido, disse:

— O que houve?

— Nada — disse Milton. — Aí tem um cliente para a barba.

— Fazer a barba? Para quê? — perguntou o apavorado homem.

— Para que fique decente para seu próprio enterro!

Cinco minutos depois, todo mundo sabia que Wance estava morto. Todos sabiam que aquele era o fim de um pesadelo. Mas todos sabiam também que poderiam ganhar nove mil dólares, e alguns homens puseram-se em movimento.

A maior parte dos moradores da cidade achava injusto matar Milton por dinheiro. Afinal, havia feito o imenso favor de limpar a cidade, mas dez ou doze homens disseram que por nove mil estavam dispostos a esquecer isso e portanto, empunharam suas armas para abaterem a caça.

Os cartazes diziam por toda a parte:

NOVE MIL DÓLARES!

Mas o problema continuava. Onde estava Milton?

Só uma pessoa poderia responder aquela pergunta. Nora Doyle. Que levantou os olhos e sorriu ao ouvir as pisadas do jovem em sua oficina.

— Olá... — disse. — Pensei que tinha partido. Estão dizendo coisas assombrosas de você.

Ele não disse nada. Seus olhos estavam diferentes. Mais turvos. Que estranho era olhar aqueles olhos! Nora o olhou surpresa.

— O que você tem?

Ele não respondeu. Pegou-a nos braços e a pôs de pé. Selou os lábios ardentes dela com os seus. Ela estremeceu.

Aquele beijo foi diferente. Um beijo que jamais esperou dele. Disse:

— Mas..., mas o que houve?

— Nada...Gosto de você.

Ela sorriu ligeiramente.

— Também gosto de você. Creio que não é difícil perceber. Demonstrei desde o princípio.

— Pois então o que estamos esperando? — perguntou ele calmamente.

— Esperar... para quê? — perguntou sem entender ela.

— Para nos amarmos, menina. Sabe o que significa essa palavra? Amarmos. Tem um corpo lindo, por que diabos o esconde tanto?

Os lábios dela tremeram. Não estava entendendo nada. Disse:

— Não tem direito de pedir isso, Milton. Nem mesmo de pensar...

— Por quê? Não pode gostar de mim? Para ficar com uma mulher que gosto, ela tem que estar de acordo?

A frase cínica e de mau gosto, chegou até o fundo do cérebro dela. Não entendia nada. O que sabia era que aqueles olhos turvos não eram os mesmos.

— Está bêbado.

— Engana-se. Não bebi nada.

— Pois então... o que está pensando?

— O que você não pensa. Ou não lembra. Sem dúvida esqueceu que sou reclamado por ter violado uma mulher. Era uma linda mulher e gostava muito dela, mas não tão bonita como você...

Os olhos turvos e frios cravaram-se nela. Esta estremeceu. Não entendia, mas começou a sentir o frio do desespero em seus ossos.

— Milton você... você não pode ter feito isso.

— E por que não?

— Não tem cara de miserável.

— Às vezes, as caras enganam, querida. Não leu os jornais nos últimos tempos? Não sabe por que me reclamam? Alguma vez neguei as acusações? Não confessei claramente ter violado aquela mulher porque gostava dela?

Ela levou as mãos à boca. Estava paralisada pelo assombro, pela indignação, pelo horror. Não entendia e não queria entender. Moveu a cabeça negativamente.

— Você... você não pode pensar o mesmo de mim.

— E por que não? Não disse que é mais bonita que a outra? Não seja estúpida e não me crie problemas. Depois da morte de Wance as coisas pioraram para mim, de modo que vou embora daqui. Mas antes quero aproveitar a única coisa que realmente desejo. Quero levar a recordação do corpo quente de uma mulher...

Ela continuava sem entender. Ou melhor, sem querer entender. Porque a luz que chegava até seu cérebro era turva.

— Milton, você não pode fazer isso.

Ele avançou. Tinha os dedos crispados. O olhar turvo.

Tudo havia escurecido ali. Até as bonecas sem pintar pareciam diferentes. Nora ficou em um canto. Seus olhos arregalados viram avançar a figura daquele homem.

— Não... não vou permitir — disse. — Não vai colocar a mão em cima de mim. Antes... terá que matar-me.

A frase não pareceu impressioná-lo. Disse:

— De acordo... Não achei que seria fácil.

— Ou... eu matarei você.

— Com que arma?

— Milton, eu o quero. Quis desde o início... Não me obrigue a...

— Repito: Com que arma?

— Mesmo que seja com as unhas...

Ele sorriu. Pegou o revólver e entregou-lhe pela coronha.

— Aqui tem uma arma — disse. — Atire!

— É que...

Ele crispou o rosto.

— Já disse para atirar! — rugiu. — Já disse para atirar, cadela!

A mulher não se atrevia a tocar na arma, mas ao mesmo tempo precisava defender-se. Teve segundos de hesitação. Foi então que ouviu aquela voz vinda da porta, que advertiu:

— Não se preocupe, pequena... Não atire contra ele, porque isso farei eu.

CAPÍTULO NONO

Revelações surpreendentes

Nora cravou os olhos na entrada, enquanto Milton virava-se. Não fez nenhum gesto. Quem estava lá era nada menos que o federal Patterson, armado com um Colt que apontava para sua cabeça. E atrás dele uma mulher conhecida: Patrícia.

Os olhos de Patterson brilhavam de excitação e ódio. Finalmente tinha seu inimigo mortal ao alcance de seu gatilho. Com um gesto acabaria com ele e realizaria sua vingança.

Milton levantou as mãos, enquanto deixava o Colt cair.

— Você o escondeu por um tempo? — perguntou Patterson a Nora.

— SSSSSS... Sim.

— Ela não tem culpa de nada — disse Milton. — Eu a obriguei.

— Não discuto isso — murmurou Patterson, com os olhos cravados na mulher. — Ouça, menina... acreditou que ele queria ultrajá-la?

— Eu... eu...

Nora não sabia o que dizer. Estava nervosa. Olhou para Patterson como se não entendesse nada e como se o federal fosse de outro mundo.

— Milton é um tipo estranho... Se você tivesse pensado teria percebido que ele só queria que o matasse — disse Patterson.

— Matá-lo? Por quê?

— Para receber a recompensa, mulher. Nove mil dólares é muito dinheiro e ele estava fazendo tudo para que subisse a cifra. Tudo para que você pudesse recebê-la... Não percebeu? Ele sabia que estava perdido desde o primeiro momento. Se veio fazer isso agora foi porque achou que a quantia era razoável. E agora se oferece de bandeja para você, entendeu? Estava fazendo de tudo para que você o matasse e recebesse o dinheiro. Pelo menos uma vez em sua vida, Milton fez algo bom, mas isso não apaga delitos anteriores. Principalmente o que fez com minha mulher.

Levantou o revólver mais um pouco. Seus olhos brilhavam de ódio. Patrícia, que estava atrás dele, o animou:

— Atire... Atire de uma vez!

Nora estava com os olhos arregalados. Agora percebeu o que Patterson estava dizendo. Percebia que ele a queria mais que a própria vida.

— Não atire, federal — Não faça isso...

— E por que não? — perguntou Milton tranquilamente. — Por que não acabamos essa comédia de uma vez? Só me prometa uma coisa, Patterson.

— O que?

— Entregará os nove mil para Nora. É verdade que quero que o dinheiro fique com ela. Não vou defender-me, mas prometa que dará para ela...

— Prometido. Não me importo com os nove mil e sim em vê-lo morto.

E foi apertar o gatilho. Milton não se moveu. Sorria, era um sorriso por uma felicidade que só ele entendia...

Patrícia sorria já sentindo o estouro do sangue.

Nora não podia nem gritar. O horror havia fechado sua garganta. As unhas apertavam sua pele sem perceber...

Neste momento, Bill entrou. Seus olhos não acreditaram no que viam. Seus enormes dedos se moveram. Crispou os músculos para pular... Esteve vigiando o irmão à distância e agora queria protegê-lo. Não usava armas, mas seus punhos eram suficientes. Patterson olhou incrédulo enquanto girava o revólver um pouco.

— Não se meta neste assunto, Bill. Já estou conformado, de modo que deixe este homem disparar — disse Milton calmamente para o irmão.

Sem descuidar da vigilância, Patterson olhou para os dois, sem compreender. Sabia quem era Bill, já que sabia tudo sobre a vida de Milton. Mas não gostou da presença do gigante ali. Disse:

— Vá embora...

— Não se preocupe, Patterson — disse Milton — ele vai recolher meu cadáver. Bill sempre me obedece, entendeu? E não mente jamais.

— Sei disso — disse o federal. — Sei dele quase tudo como sei de você. É um débil mental, mas boa pessoa. Já sei que nunca mente..., mas por que olha tanto para Patrícia? O que está havendo?

Com efeito, os olhos de Bill estavam fixos, cravados na figura da linda mulher. Havia uma espécie de assombro neles e, ao mesmo tempo, de veneração. Patrícia representava algo supremo para ele, mas por quê? Por que olhava daquele modo, como se fosse a única mulher sobre a terra?

— O que está havendo? — perguntou Patterson novamente.

— Eu havia roubado o medalhão de ouro de meu irmão — disse Bill, como que obcecado pela idéia.

— Eu...

— Sim, a medalha apareceu entre os dedos de minha mulher — disse Patterson, com as feições crispadas. — Você roubou de seu irmão?

— Sim.

— Mas então você... você...?

Patterson estava lívido. De repente compreendeu. Uma espécie de onda de ódio cobriu seu rosto. Entendeu muito bem porque Milton havia tratado de encobrir seu irmão. Com a voz carregada de ódio, disse:

— Mas então você...

— Eu roubei o medalhão... para dar a essa mulher! — disse Bill. — Para dar a Patrícia! Era um presente! Eu a amava! A...

Patterson sentiu um barulho na mandíbula. Seus olhos sofreram uma sacudida. E seus pensamentos começaram a dar voltas macabras e amargas. Deram voltas, voltas, voltas...

Patrícia odiava sua mulher, a que havia tirado o homem que amava. Patrícia tinha, a seu modo, motivos para desejar sua morte.

Olhou-a aterrorizado, incrédulo.

Exatamente por saber que Bill jamais mentia, deu crédito àquelas palavras. E sem isso, bastou olhar para o rosto de Patrícia para perceber a verdade terrível.

— Sim... — disse sentindo os olhos cravados nela. — Eu fiz... E faria outra vez! Aquela cadela não merecia viver! Peguei-a com uma surra enorme e deixei-a como se tivesse sido ultrajada por um homem! Quando já não podia defender-se, usei um pau para fazer o que uma mulher não pode nunca fazer com outra! Desse modo não poderiam suspeitar de mim! Nunca! Nunca! Fiz e faria mil vezes!

Percebi que perdi a medalha, mas não me importei! Assim acusariam outro!

Patterson estava aterrorizado. Seu sangue estava gelado. De repente sua vida perdeu o sentido, tudo parecia vazio. Ouviu o gemido dela, enquanto dizia:

— Mas fiz isso tudo porque o queria. Porque ela não o merecia. E porque o queria só para mim. Escapou um soluço de sua garganta. Estava a ponto de cair de joelhos. Dava pena e nojo. Principalmente pena. Algo que impedia de fazer-lhe mal. Algo que o obrigava a tirá-la dali, mas sem feri-la. Foi isso que Patterson sentiu. Foi isso que o obrigou a gritar:

— Fora! Fora! Fora! Fora!

Ela vacilou. Estava a ponto de cair. Milton disse com um fio de voz:

— Espere. Antes que ele se arrependa vou acompanhá-la até a porta.

E pegou-a pelo braço para acompanhá-la até a saída. E de repente, seus dentes chiaram cm um gesto de alarme.

Aquele desconhecido com roupa de comerciante estava ali. Aquele "honrado cidadão" de Kayville apontava um revólver para ele disposto a ganhar os nove mil. Tinha o rosto crispado em uma careta de ansiedade, de medo.

Milton era grande demais para ele. Só de vê-lo tremeu. Milton pulou automaticamente para um lado da porta.

— Nãoooo! — gritou Patrícia.

Ela não se tinha movido. Levou a mão ao rosto. Compreendeu que aquele homem estava assustado e ia matá-la. A bala alcançou-a na metade da cabeça. Caiu para trás e de seus lábios escapava uma palavra:

— Nãoooo...

Patterson também atirou. O fez com desprezo, asco. A roupa do homem que acabava de matar Patrícia, tingiu-se

de sangue. Depois o federal inclinou-se pouco a pouco a morta e fechou-lhe os olhos.

— Milton... — murmurou.

Milton tinha uma bola na garganta. Respirou profundamente.

— Sim?

— Sinto muito.

— Eu também, Patterson.

— Queria ajudar seu irmão...

— Sim. Surpreendeu-me que ele sempre tão pacífico, fosse capaz de um crime semelhante, mas pensei que não percebeu o que tinha feito. E tratei de ajudá-lo.

Patterson ficou de pé com muito esforço. Não olhou mais para Patrícia. Tinha os olhos cobertos por uma nuvem cinza.

— Ninguém vai receber os nove mil dólares — disse.

— Por quê?

— Vou libertá-lo, Milton.

— Para quê? Vou continuar sendo um reclamado.

— Por causa de minha esposa não será mais. E quanto ao outro... Deixe que passe um tempo e todos vão esquecer. Lamento é que percam esses nove mil dólares livres de impostos.

— Eu também — disse Milton. — Sabe? No fundo começava a ter ilusões se isso valia tanto...

E dirigiu-se para a porta levando Nora pela mão. Os dedos trêmulos da mulher estavam presos aos seus.

— Talvez se roubasse o cheque do xerife... — murmurou Patterson.

— Tudo é possível.

— Vou escrever se conseguir — disse o federal — Onde pensa instalar-se?

— Em Tucson, onde ninguém me conhece.

— Boa idéia. Com ela?

— Claro. Vamos nos casar quando chegarmos lá.

E Milton deu um passo até a porta em companhia da mulher. Mas ali, um homem ridículo apontava coisas cm um papel e ele perguntou-lhe:

— Quem é você? O que quer?

— Sou o impressor. O que fez os cartazes com seu rosto.

— O quê?

—Homem...!

— Dê-me alguns dados — disse. — Nome completo, nome da noiva, lugar onde pretendem casar-se...

— Mas isso tudo para quê? — perguntou Milton sem entender.

— Ora! Não sou um ingrato — disse o homem. — Graças a você estou rico. O mínimo que posso fazer é presentear-lhe os convites do casamento!

FIM

A seguir: UM CÃO FAMINTO
Não perca!

Amigo Leitor:

Você merece o melhor da leitura. E há trinta anos a Editora Monterrey oferece para você, pessoa especial, histórias de qualidade superior.

OS LIVROS QUE FALTAVAM EM SEU LAR.

EM TODAS AS BANCAS

Diariamente recebemos cartas elogiando nossas histórias.

Se você não conhece nossos livros, leia algum. E se nos quiser dar sua importante opinião, escreva-nos.

Aqui, você também manda.

O Editor

EDITORA MONTERREY LIMITADA

PREÇO DESTE EXEMPLAR: